O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 21 DE NOVEMBRO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:745

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A LAVOURA PORTUGUEZA.—SUA MAGESTADE A RAINHA.—O NOVO MINISTRO.—NOTICIARIO.—A QUESTÃO DOS CEREAES.—A MAROMBA NO DOURO OU A ANTHRACNOSE DEFORMANTE, *por Manuel Duarte G. Pestana da Silva.*—CARTA DE LISBOA.—COMMUNICADOS: NECROLOGIO, *por L. P. d'Oliveira.*—SECÇÃO LITTERARIA: O PRESENTE DOS REIS, *por Miguel Costa*; DUAS FLORES DE LARANJEIRA, *por Paulo Seguro.*—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

A LAVOURA PORTUGUEZA

Aventamos o alvitre do estabelecimento de moagens por conta da real associação de agricultura. Dissemos que as fabricas em laboração tinham feito *parede* contra os trigos indigenas, preferindo-lhes os americanos, e que para desfazer este monopolio era necessario montar outras, especialmente destinadas a moer os productos nacionaes.

Não sabemos ainda como pensam os homens que dirigem a real associação, mas vimos com satisfação que a nossa ideia foi bem recebida pelo governo, que acaba de dirigir áquelle gremio uma proposta concebida nos seguintes termos:

1.° O direito por um praso largo de fornecer toda a farinha e mais derivados dos trigos de que o governo careça para o consumo dos estabelecimentos a seu cargo;

2.° Isenção da contribuição industrial por um periodo determinado;

3.° Isenção de direitos de importação para as machinas e utensilios necessarios;

4.° Uso da parte que seja necessaria do convento dos Grilos;

5.° Aproveitamento na parte relativa á moagem dos projectos elaboradas pela commissão que o governo nomeou pela portaria de 13 de agosto do corrente anno;

6.° Um subsidio do thesouro durante um periodo de annos a determinar, ou garantia de juro por praso limitado.

Isto é mais do que nós tinhamos lembrado, e a associação não deve hesitar, aliás comprometterá os interesses da agricultura que diz representar. Se não tomar a iniciativa, limitando-se a discutir os direitos da pauta que devem incidir sobre o trigo e sobre as farinhas importados, terá faltado á sua missão, lançando poeira sobre uma questão importante, que deve tratar-se sob o ponto de vista das conveniencias publicas. Porque não interessa apenas a agricultura nacional a concorrencia que as novas fabricas hão de estabelecer. D'ella provirá o embaretecimento das farinhas, e subsequentemente do pão, que é o principal alimento das classes pobres.

Por tanto a real associação d'agricultura não pode deixar de tomar na devida consideração a proposta do governo. E se o não fizer a tempo e horas revoltará contra si mesma os verdadeiros patriotas, os que se empenham porque a lavoura portugueza prospere, e porque não sejam prejudicados os interesses do consumidor.

*

Vimos já publicado o officio em que o presidente da direcção da real sociedade d'agricultura accusa a recepção da proposta do governo, e dá parte que tendo de reunir os delegados dos centros e associações agricolas, afim de fixarem o programma do proximo congresso, lhes dará conhecimento da mesma proposta, a fim de se tomar a resolução mais conveniente. Oxalá que todos se compenetrem da gravidade do assumpto, visto que da adopção do alvitre depende, conforme o nosso modo de ver, o futuro da agricultura nacional.

*

E como este é o assumpto importante do dia, mais ainda que o embargo do emprestimo feito em Paris pelos possuidores dos titulos emittidos pelo regimen absoluto, porque esta pendencia ha-de decidir-se pelas vias diplomaticas, occupar-nos-hemos do que se passou em Beja no denominado comicio agricola.

Segundo um extracto que temos á vista, decidiu-se ali:

«1.°—prohibição de importação de trigos e importação complementar de farinhas quando o trigo nacional suba além de 600 reis cada 10 kilogrammas;

2.°—abolição dos direitos de barreira, real d'agua ou quaesquer outros impostos de consumo para os vinhos de pasto, cuja força alcoolica não exceda a 13 0[0;

3.°—abolição dos mesmos impostos sobre o azeite nacional;

4.°—que o fornecimento de fardamentos para o exercito, guardas municipaes, guarda fiscal, armada e mais corporações dependentes do estado, seja feito com fazendas de lã de producção nacional, e que as arrematações se façam parcialmente e não em globo;

5.°—reforma immediata das matrizes prediaes;

6.°—reforma das tarifas e do serviço do caminho de ferro do sul e sueste;

7.°—organisação da policia rural;

8.°—que os delegados defendam nas sessões preparatorias do congresso, e no proprio congresso, a idéa de que os lavradores do paiz não paguem impostos ao estado, se os poderes publicos não tomarem resoluções conhecidas por factos que protejam a nossa agricultura e colloquem os productos nacionaes em condições remuneradoras de venda, sendo o limite para a resolução do não pagamento de impostos o dia 31 de janeiro.»

Como se vê estas instrucções substanciam um verdadeiro ultimatum. O comicio de Beja entendeu que devia deliberar sobre tudo e muito mais. Impostos de consumo sobre vinhos e azeites, arrematação de panno para fardamentos, reforma de matrizes, policia rural, finalmente nada escapou aos debates da douta assembleia, que entendeu dever impor-se quasi pelo theor egual ao da justiça de Fafe, quando para dar força ás suas sentenças invocava a auctoridade de el-rei nosso senhor!

Ora o que tem a lavoura propriamente dita com o imposto de barreiras que incide sobre o vinho e sobre o azeite? O que lhe importa a ella, se os fardamentos da força publica são de panno nacional ou estrangeiro? Tudo isto nos parece extraordinario e fóra dos seus dominios, o que equivale a tirar a força ás restantes resoluções, ás que se referem ou teem relação com as cousas agricolas.

Que em Beja os lavradores se occupassem dos direitos aduaneiros lançados sobre os trigos e farinhas importados, nada mais rasoavel, uma vez que não se exagerasse a protecção, para não agravar as circumstancias do consumidor. Que o comicio tratasse das tarifas do caminho de ferro, que ha de transportar os productss agricolas, tambem nos parece isso conforme á indole da reunião. Que pedisse a reforma da matriz predial e a organisação da policia rural, tudo isto andava associado ao intuito que congregou tão valiosos elementos. Mas que fosse além do assumpto restricto á agricultura, não foi só exagero, prejudicou tambem a causa por que devia propugnar. E quanto á instrucção 8.ª, é de uma leviandade egual só ao que em 1873 tiveram os taverneiros do Minho e do Alemtejo, que se recusaram a pagar a importancia dos manifestos, quando estes se faziam em virtude da lei que elevara o imposto de consumo. E sabem os de Beja qual foi o resultado? Quem não pagou logo, pagou mais tarde, acrescendo as custas do processo!

E' sempre máu exagerar, e muito principalmente quando as questões se devem tratar com seriedade.

*

Reservamos para a parte final o responder ao *Jornal do Commercio*, que combate a proposta apresentada pelo nobre ministro da fazenda á real associação de agricultura. Chama-lhe expediente para desfazer attrictos de momento, e em seguida allega que s. ex.ª dispõe dos dinheiros publicos, não para favorecer uma classe, mas um grupo determinado de individuos, chamando á referida proposta—negocio seguro e a possibilidade do estabelecimento de um monopolio, sem o menor beneficio para a agricultura do paiz.

Pas de zéle. A proposta foi dirigida á real associação, que se prezume substanciar em si todos os elementos validos da lavoura nacional. Logo, acceitando-a ella, e fundando estabelecimentos de moagem, onde sejam reduzidos a farinha só os trigos indigenas, não nos dirá o *Jornal do Commercio* se no acto do governo não entra só o proposito de favorecer a nossa agricultura, que se queixa das fabricas actualmente em laboração não empregarem os seus productos? Não ficará d'este modo garantido o consumo dos trigos portuguezes?

Pergunta a folha lisbonense, se o agricultor venderá depois mais trigo, e se passará a produzil-o mais abundante e em melhores condições. Quanto á primeira parte responder-lhe-emos affirmativamente. A difficuldade até aqui consistia em haver grão e não quererem as fabricas reduzil-o a farinha. Quanto á segunda parece-se um pouco com algumas das condições formuladas no comicio de Beja.

Pois é o governo a quem compete fazer com que a terra produza mais e melhor? Não está isso no esforço ou na conveniencia do interessado? E escreve-se isto na metropole onde as questões deviam discutir-se consoante os principios!

Quanto ás garantias do consumo do trigo nacional, sendo a empreza das moagens formada pela real associação de agricultura, está no seu interesse reduzir a farinha só os trigos indigenas, facilitando-lhes o consumo, e favorecendo tanto o pequeno como o grande lavrador. Desde que ha a certeza da venda, ninguem tem o direito de queixar-se.

Desejamos que a folha commercial volte como promette ao assumpto, que tambem pela nossa parte promettemos não desamparar.

SUA MAGESTADE A RAINHA

Voltou ao reino a gentilissima princeza d'Italia, a virtuosa esposa, a sympathica Rainha de Portugal, a senhora D. Maria Pia de Saboya.

Sêde bem vinda, senhora, ao paiz que vos adora e idolatra como digna que sois do nome que todos nós vos damos de—ANJO DA CARIDADE.

Sêde bem vinda, senhora, ao reino de Affonso Henriques, e dos homens dignos e justos que vos saudam como preito de veneração que merecem as vossas excelsas virtudes, a vossa caridade, o vosso amor aos portuguezes que nas luctas da adversidade vos encontram como o seu anjo tutellar.

Sêde bem vinda, gentil princeza, que trazeis comvosco a alegria e a consolação aos vossos protegidos, desde a imbelle creança até ao desgraçado decrepito que nas suas orações bemdizem a Rainha de Portugal.

Ainda ha poucos dias, n'este mesmo jornal, nós festejavamos o anniversario natalicio de vosso augusto esposo, e a sua volta ao reino, que felizmente a Providencia lhe confiou, e de que elle é um defensor denodado e um patrono magnanimo, que não descura um momento de todas as necessidades moraes e materiaes do paiz, e por isso é que Portugal está hoje sendo a nação das mais respeitadas na Europa, e aquella que marcha contente nas grandes conquistas do progresso e da civilisação.

Temos pois entre nós os nossos monarchas que tanto amor nos merecem, e que são o alvo das maiores manifestações de respeito e d'amor.

Sêde pois bem vinda, repetimos, e no vosso regresso, tão desejado, encontrastes na população da capital esse enthusiasmo que as vossas brilhantes virtudes tem despertado constantemente, embora esse enthusiasmo seja mal visto por aquelles que, anciosos por um talher á meza do orçamento, criticam as instituições, que felizmente nos regem, vinculados sempre ao partidarismo intransigente, por que o que escrevem não o sentem. E se alguns rasgando a farda, e renegando um juramento sagrado que fizeram sob bandeiras, insultam o throno, esses só por embuscada procuram tercear nas luctas da democracia, na sombra, ferem reputações e dignidades com tanta baixeza.

Não incommodam nem ferem essas embuscadas, porque as virtudes e as brilhantes acções dos nossos monarchas são estimadas e queridas por um povo inteiro, que vê em todos os estabelecimentos de caridade, desde as creches até aos albergues nocturnos, a iniciativa das pessoas reaes, como as primeiras a soccorrer os infelizes.

E' assim que toda a imprensa séria e illustrada se congratula com a chegada ao reino dos seus augustos monarchas, e se rejubila com tão fausto acontecimento.

Sêde pois bem vinda, senhora.

O NOVO MINISTRO

E' do nosso collega *Primeiro de Janeiro* o seguinte artigo.

E porque estamos plenamente d'accordo com as ideias expendidas, o collocamos n'este logar.

Deve estar a estas horas publicado o decreto nomeando o sr. José Joaquim de Castro para ministro da guerra. Não temos senão que felicitar por isso o partido progressista.

Se fôramos ouvidos para a escolha d'aquelle que devesse substituir o sr. visconde de S. Januario, não hesitariamos um momento em apontar o nome do illustre general. Pessoa d'animo energico e intemerato, velho parlamentar e sabio professor versado em todos os assuntos da sciencia militar, o illustre nomeado deve ser um ministro distinto pela sua larga iniciativa e pela sua cooperação leal no plano governativo do ministerio. Não lhe fallece pois nenhum dos dotes d'espirito indispensaveis para o bom desempenho do seu cargo: por certo o illustre ministro que, no curto espaço de alguns mezes de si deixou no governo de 79 a 81 tão excellente tradição, proseguirá no mesmo glorioso encalço. E, porque não falta qualidade alguma ao novo ministro, nem sequer lhe fallece a larga folha de serviços ao partido. O sr. José Joaquim de Castro foi sempre um correligionario sincero e dedicadissimo, accudindo presto a todos os lances em que o seu partido d'elle careceu, não recusando todo o auxilio que lhe fosse requerido. Largos annos de trabalho, uma dedicação sem limites, serviços valiosos—eis o conjunto de circunstancias que ergueram este homem á eminente posição em que se encontra. Para ser ministro serviu-lhe mais que o ser um homem de talento, o ser um honradissimo caracter politico. E felizmente que assim foi!...

Felizmente, sim! Porque cansados de politicos aspirantes a ministros, mal a penugem lhes punge os labios, aborrecidos estamos todos. Porque o paiz e os partidos estão cansados d'esses homens que, apenas entrados no parlamento, sem a madureza dos annos e, o que é peior, sem o conhecimento dos homens e das coisas, nem vislumbres praticos do que seja a administração publica e com a ignorancia das aspirações do seu partido e da vida politica dos seus correligionarios, intentam vingar d'um salto o que outr'ora demandava largo tempo e porfiados trabalhos. Esta é que é, em singelas phrases, a amarga e frisantissima verdade!

Nos tempos que vão correndo em que a descrença dos homens publicos afistula o espirito de quasi toda a gente, em que a febre dos accordos tem consumido toda a energia dos partidos, em que alastra pelo paiz a convicção de que prevalecem as intrigas das secretarias e as reverencias palacianas sobre os serviços dos correligionarios dedicados e dos trabalhadores indefessos que nas provincias consomem a vida e a fazenda em defeza do seu partido, n'estes tempos de desillusão e descrença é uma consolação de alma o ver erguido ás mais altas funções publicas um homem que a mysteriosos processos não deveu a sua elevação politica. Não cria elle invejas, nem ninguem lhe inquire dos serviços e da proveniencia. Agrupam-se em roda d'elle os correligionarios, prestes a devotarem-se-lhe com todas as energias e dedicações. O seu chamamento afervora crenças, e é exemplo aos esmorecidos e desanimados do espectaculo que aos olhos se lhes offerece. Na sua vida de combate teem os correligionarios fiador de que o seu affecto partidario distinguirá aqui e ali onde é preciso accudir rapido e onde ha excessos a reprimir e virtudes a premiar. A honra partidaria tem como a honra particular inquebrantaveis normas; e da mesma fórma que aquelles que na sua existencia seguem recto caminho bem merecem a estima publica, tambem os que na vida politica acompanham os seus partidos com egual firmeza nas horas da desventura como nas da felicidade, tambem esses medram na estima dos seus correligionarios, e todos põem ouvidos aos seus conselhos e acodem presto á sua voz. Não foi acaso pela sua carreira de luctas jornalisticas, de combates eleitoraes, de pugnas parlamentares, pelo seu contacto com o partido e com o povo, que o sr. José Luciano de Castro? Quem é que ousa contestar-lhe o direito ou controverter a sua fé partidaria? Não ha entre os ministros alguns a quem nomeadamente dirigem os partidarios leaes as suas legitimas queixas, as suas justas reclamações? E porque a estes mais que a outros? Porque fizeram a sua vida politica entre o povo, porque nos comicios interpetrava a sua voz os soffrimentos e as aspirações populares, porque no parlamento propugnavam impavidos em defeza dos seus principios partidarios, porque na imprensa a sua penna vigorosissima flagellava todos os desperdicios e immoralidades e se cingia estreitamente ao programma da facção em que se alistaram. Venera-os o partido, como um pae ama os filhos estremecidos — aborrecel-os-ia ámanhã, como padrasto aos enteados, se no governo renegassem as ideias que os fizeram grandes e amados... Sobreleva pois a todos os predicados d'um governante a confiança dos seus partidarios, uma vida de honrada fé politica.

Vive por ahi na opinião publica a suspeita de que é coisa corrente em Lisboa que mais valem as amisades pessoaes do que as obrigações partidarias. E' de si evidente a funesta consequencia de similhante theoria—sobretudo n'estes tempos em que, entre gente politica, taes amisades nascem poucas vezes *da communidade de* ideias e sentimentos, mas quasi sempre da hibrida alliança de esquerdas conveniencias politicas e mesquinhos conluios financeiros. Quem é que se não recorda de quanto a opinião publica se alvoroçou ao vêr como um ex-ministro do actual governo acolhia todas as pretensões dos seus amigos pessoaes, filiados na facção serpacea, com manifesto aggravo á justiça e offensa á lealdade partidaria.

Não sabemos nós de partidarios de extraordinario valor e longos annos de serviços, que, por se verem preteridos em justas aspirações por outros vindos de ha pouco, se retrahem do partido n'uma legitima tristeza e desanimação? Pois ainda até por este lado a nomeação do sr. Castro é de todo o ponto acertada. O illustre ministro é, permitta-se-nos a phrase, da velha guarda. Viveu com o seu partido muito tempo e muito trabalhou com elle para que não saiba quanto desfallece e desanima o vêr preteridos por estranhos, a titulo de amizades pessoaes, os que são correligionarios fervorosos. Aquellas amizades, para se provarem, não precisam de soccorrer-se a favores politicos: nem verdadeiro amigo é quem das suas relações particulares tira empenho para coagir o ministro á pratica d'uma acção que é uma deslealdade.

Por tudo isto, com a sinceridade que ousamos sempre nas nossas apreciações e com a franqueza com que ajuisamos favoravel ou desfavoravelmente da marcha do governo, não temos senão que felicitar-nos pela entrada do novo ministro. Escolhendo o sr. José Joaquim de Castro para o cargo em que foi investido, deu mais uma vez o sr. presidente do conselho exemplo do seu tacto politico e testimunho de se inspirar sempre nos dictames de uma acendrada fé partidaria.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Esteve no domingo em Aveiro o sr. dr. Julio Ferreira Pinto Basto, antigo deputado da nação. N'esse mesmo dia sahiu s. ex.ª para o Silveiro, devendo já ter regressado a Lisboa.

— Partiu para Lisboa o sr. engenheiro Mello Mattos, chefe de secção encarregado das obras hydraulicas em Aveiro.

— Estiveram hontem em Aveiro os nossos illustres amigos, os srs. dr. Alexandre d'Albuquerque Tavares Lobo, digno delegado do procurador regio d'Estarreja; dr. José Maria d'Albuquerque Tavares Lobo, digno juiz do julgado municipal de Sever do Vouga, e dr. Christovam Coelho, habil advogado de Ovar.

— Estiveram ante-hontem em Aveiro os nossos respeitaveis amigos, os srs. Francisco de Castro Monteiro, illustre deputado da nação e presidente da commissão incumbida de estudar a substituição do imposto do pescado, e dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa, benemerito presidente da camara municipal de Ovar.

— Está de visita a sua familia, o sr. Pinto da França, segundo tenente da armada.

— Na segunda-feira á noite no bilhar do hotel Central manifestou-se um principio de incendio. Cahiu um dos candieiros sobre a meza, communicando-se o fogo á casimira. D'hi grande reboliço, chamamento da policia, e o extinguir-se com o auxilio de um cobertor. Não passou o caso alem do susto e d'alguns pequenos estragos na ornamentação da sala. Antes assim.

Doenças.—Continúa gravemente incommodado de saude, em Espinho, o sr. José Correia de Lacerda, respeitavel pae do nosso distincto amigo, o sr. conde de Beirós.

[illegible] so bom e venerado amigo, o sr. dr. José Joaquim da S. Pinho, de Jafafe.

— Está ainda doente, mas felizmente sem gravidade, o nosso illustrado amigo o sr. visconde de Santa Maria da Arrifana.

— Está muito melhor, auspiciosamente melhor, o filhinho do nosso bom amigo, o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz. Este distincto medico é que ha dias tem estado de cama, com uma bronchite, mas felizmente sem gravidade.

Distincção.—A *Associação Allemã de Piscicultura de Berlim* acaba de conferir ao nosso presado amigo e collega Fernando de Vilhena o diploma de socio activo, encarregando-o ao mesmo tempo do trabalho de classificação e descripção dos peixes que povoam as agoas da Ria d'Aveiro.

Damos ao nosso collega os mais sinceros parabens.

Imposto do pescado.—Sob a presidencia do nosso respeitavel e distinctissimo amigo o sr. deputado Francisco de Castro Monteiro, reuniram hontem n'esta cidade os commissarios da circumscripção d'Ovar e Aveiro no inquerito á industria do pescado, os nossos amigos srs. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa, illustre presidente da camara d'Ovar, e o nosso collega Fernando de Vilhena.

N'esta reunião foram presentes os *trabalhos feitos n'estas* duas importantes circumscripções, e pelo que sabemos podemos assegurar que a commissão se acha animada do mais firme proposito de propor ao sr. ministro da fazenda a remodelação completa do imposto de pescado, substituindo-o por uma medida immensamente mais equitativa e humana. Esta medida acabará de vez com os vexames do fisco e concederá ao pescador todas as vantagens e liberdades que constituem o admiravel systema de cobrança do imposto actualmente em vigor na Allemanha.

Foram tambem presentes dois notaveis trabalhos do nosso collega Fernando de Vilhena, a estatistica completa de todos os pescadores da circumscripção que vae de Aveiro á Figueira, com a designação especial de systemas usados em todos os pontos, classificação, estatistica do imposto cobrado durante o periodo de 1880 a 1887 e projecto de remodelação do imposto do pescado, por uma nova medida que altera completamente o systema actual sem diminuição na receita do estado.

Os profundos conhecimentos do illustre presidente da commissão o sr. Castro Monteiro, a boa vontade, a dedicação e o zelo em que s. ex.ª se acha empenhado n'este serviço, bem como a competencia dos cavalheiros que compõem a commissão, dão-nos sobeja garantia de que as medidas propostas acabarão para sempre com esta iniquidade revoltante a que se chama imposto do pescado.

Bem haja o nobre ministro da fazenda que ordenou tão util serviço, e com tão alto destino procura diminuir os gravames do fisco.

A' direcção geral dos correios.—Acabamos de ser informados de que, por ordem superior, foi ordenado e feito um exame de sanidade á ex.ma sr.ª D. Amelia Correia, dignissima ajudante da estação telegrapho-postal d'esta cidade, em virtude de denuncia dada á direcção geral dos correios. Esta senhora, achando-se gravemente doente e em estado de não poder desempenhar as funcções do seu cargo, havia communicado á direcção do districto o seu estado, conservando-se em casa em tractamento rigoroso. Um calumniador qualquer, espirito baixo, desleal e pouco conhecedor da linha correcta que todos temos na sociedade o dever de cumprir, fez constar, por um anonymo talvez, que não era verdadeira a parte de doente dada pela solicita e activa ajudante, e d'esta denuncia, tão falsa e tão vil como o corrector de falsidades que a transmittiu ás instancias superiores, proveio o exame a que se procedeu, em casa da doente, no dia 16 do corrente mez.

Depois de uma aturada observação os medicos que tomaram parte no exame declararam por unanimidade que era de todo o ponto e infelizmente verdadeira a parte de doente, por quanto a sr.ª D. Amelia Correia estava luctando com uma dispepsia de caracter grave, e precisa ainda de algum tempo de tractamento rigoroso para poder entrar no exercicio dos seus deveres officiaes.

E tanto era exacto o estado da doente que na vespera d'ella dar parte da doença, o sr. encarregado do serviço reconheceu n'ella todos os symptomas d'uma doença, dizendo-lhe que n'aquelle estado era impossivel exercer os deveres officiaes, e, depois, até o proprio sr. director do districto, conhecedor da gravidade dos incommodos e sempre primoroso e cortez com todos os seus empregados, teve a delicadeza de mandar diariamente informar-se do estado da doente.

N'estas condições, e em vista da desaffronta completa e formal, feita pelo exame a que se procedeu, em que nisa a illustrada funccionaria dos desgostos que o exame lhe causou?

A dignidade e o credito de um funccionario honesto não podem estar á mercê das ondas de lama que por ahi se desdobram n'esse oceano de immundicies. E', pois, dever da Direcção Geral fazer castigar com as penas da lei o falso denunciante que assim incommodou uma senhora respeitavel e cujo nome está fóra do alcance dos salteadores da honra alheia.

Ao zelo e probidade do nosso distincto e velho amigo o sr. conselheiro Director geral dos correios, confiamos a desaffronta justa e merecida que se deve á sr.ª D. Amelia Correia. Leal, cavalheiroso e solicito é o caracter do sr. Guilhermino de Barros, para que não possamos esperar de tão illustre cavalheiro uma reparação á altura do agravo.

Em serviço.—O nosso estimabilissimo amigo, o sr. commendador Joaquim José dos Prazeres, muito digno director telegrapho-postal d'este districto, tem andado ha tempo em commissão de serviço dirigindo a collocação dos postes, fio e mais pertences para a communicação telephonica do Porto a Lisboa, na parte relativa á sua área, no que tem mostrado o zelo, que tanto o distingue. A despeito do mau tempo, que passou, esses trabalhos estão em via de conclusão.

Junta de revisão.—Já se acha nomeada a junta, que tem de inspecionar n'este districto nos dias 15 de cada mez os mancebos recrutados no anno de 1887 e atrasados, e que é composta dos srs. Miranda Gordilho, digno tenente-coronel de cavallaria 10, presidente; do cirurgião-ajudante de cavallaria 10, Abilio d'Albuquerque; e Joaquim A. d'Almeida Ferreira, cirurgião-ajudante em disponibilidade.

Despacho.—Foi nomeado para a cadeira de latim do lyceu d'esta cidade o sr. Manuel Lopes Grainha, que tomou posse no sabbado. Consta ser um cavalheiro muito illustrado.

Novo jornal.—Um grupo de cavalheiros d'esta cidade acaba de constituir-se em empreza societaria para a fundação de um novo jornal, que deve começar a publicar-se no dia 30 do corrente. Para dirigil-o foi convidado o nosso amigo sr. Fernando de Vilhena, que, pelo que nos disseram, acceitou o encargo.

Se vem para pugnar pelos interesses da nossa terra e pelo regimen da moralidade e da economia na administração publica, bem vindo seja o collega. A isempção e o desassombro com que no *Parlamento* o director do novo jornal trabalhou em favor dos melhoramentos locaes, dão-nos a esperança de que elle saberá cumprir os seus deveres e continuar a sustentar os seus creditos de publicista distincto e de jorualista vigoroso e independente. Em nome da leal camaradagem que desejamos manter com todos os que sabem seguir a linha recta da verdade, saudamos com prazer o apparecimento da folha que se annuncia.

Junta Geral.—Reuniu hoje a Junta Geral d'este districto no edificio do governo civil.

Concertos.—Consta que a *troupe* de mancebos amadores de musica, nossos patricios, que ha tempo se andam ensaiando, sob a intelligente e artistica direcção do sr. tenente Ferreira, digno ajudante de cavallaria 10, projecta dar concertos mensaes, em que demonstrem o seu aproveitamento. E' uma prova de bom gosto, que applaudimos, e que a realisar-se deve contribuir efficazmente para o desenvolvimento das excellentes aptidões dos executantes, porque o sr. Ferreira é um musico consumado, e um fanatico pela divina arte da harmonia.

A charanga.—Agora toca aos domingos no jardim da meia hora depois do meio dia-ás 2 1[2 da tarde, com concorrencia de damas e cavalheiros.

Desamortisação.—Nos dias 10 e 12 de dezembro proximo devem andar em praça no governo civil d'este districto varios fóros da Fazenda nacional, e impostos em predios, sitos no concelho d'Oliveira d'Azemeis.

Desastre.—Hontem de manhã, quando uma escola de cavallaria 10 sob o commando do sr. tenente Teixeira, andava no Rocio, em marchas a cavallo, um dos animaes deu um couce n'um soldado, fracturando-lhe a canella. O pobre rapaz foi logo soccorrido humanamente pelos camaradas e assistentes.

Desgraça.—A costa de Paramos, n'este districto, presenceou no sabbado uma d'essas scenas pungentissimas tão frequentes entre a infeliz gente do mar. No momento em que ia a entrar um dos barcos que se empregam ali na pesca, apanhou-o uma volta de mar, envolvendo nas redes e cordas dois dos dez pescadores que o tripulavam. O mar estava picado, o que tornou impossivel toda a obra de salvação. Os dois desgraçados lá ficaram. Na vespera, a companha tirára um lanço que produzira 800$000 reis, e foi Infeliz classe!

O incendio de Coimbra.—Descreve-o nas seguintes linhas um collega nosso d'alli:

Na sexta-feira ultima, pelas 11 horas da noite, um pavoroso incendio devorou a fabrica a vapor de moagem de trigo, vidro e serragem de madeira situada na rua do Arnado, d'esta cidade. Esta importante fabrica foi completamente destruida, e em menos de uma hora tinham-se communicado as chammas a todo o vasto edificio. O incendio tomou taes proporções que era completamente inutil todo o serviço das bombas; estas serviram unicamente para interromper a communicação com o tambem grande edificio da fabrica de carruagens do sr. Costa Soares. A fabrica incendiada pertencia hoje ao sr. dr. Licinio Pinto Leite. Apenas poude salvar-se uma porção de saccas de trigo. O trigo alli armazenado parece que era do valor superior a 4:000$000 reis. O edificio em ruina tem sido visitado por muitas pessoas e todos lamentam aquella tristissima catastrophe. Tem continuado os trabalhos do rescaldo, principalmente para salvar parte do machinismo. Os trabalhos tinham terminado pelas 10 horas, saindo todo o pessoal, e ficando apenas um homem e um rapaz, que a custo poderam ser salvos. Diz-se que a fabrica estava segura em 30:000$000 reis.

Destroços.—Em varios pontos da cidade encontram-se ainda os vestigios do tempestuoso tempo, que passou. Muitos muros abatidos e uma casa desabada, além d'outros prejuizos.

Estado do mar.—Até hontem foi bravo o mar. Hoje diz-se que é bom, e sendo-o haverá trabalho nas costas onde o serviço está ainda montado como quando era effectivo.

Mercado de sardinha—Ainda ha sardinha das pescas anteriores que affluc ao mercado, porque a esperança de novas pescas não se extinguin ainda e todos querem vender a que possuem. Não tem faltado pois offerta accrescentada pela que tem vindo da Povoa de Varzim pelo caminho de ferro—sardinha razoavel, que alcançou no mercado o preço de 1$700 reis o milheiro. A das nossas pescas tem ainda o preço de 1$300.

Trabalhos agricolas—Não estão ainda feitas todas as sementeiras do tempo. O inverno que fez atrazou-as bastante. Os lavradores apressam agora a conclusão d'ellas, e quasi que póde affiançar-se que as concluirão com bom tempo e dentro de poucos dias.

Tempo.—Melhorou consideravelmente. Parece que estamos em pleno verão—tão bonitos, tão bonançosos correm os dias e as noutes.

Publicações.—A MODA ILLUSTRADA.—Publicou-se o n.° 238, correspondente ao dia 15 de novembro. As elegantes e as mães de familia encontrarão sempre n'aquelle jornal de modas tudo quanto lhes possa interessar, não só com respeito aos figurinos das muitas recentes novidades parisienses mas tambem sobre córte de vestuario, tanto de senhora como de creança. As indicações ácerca d'esta ultima parte e bem assim a chronica da moda são secções redigidas por uma senhora competentissima. A restante parte litteraria é esmeradamente redigida,

Visconde de Botelho Seabra.—Joaquim Pedro Seabra, que nasceu em 11 de novembro de 1808 e falleceu ha pouco em Lisboa, era filho de José da Paz Seabra, administrador geral dos corrcios, e de D. Magdalena Maria Botelho. Findou o seu curso da aula de commercio em 1827, e logo em 6 de outubro do mesmo anno foi nomeado, sendo ministro da fazenda o barão de Chancelleiros, então Manuel Antonio de Carvalho, para um logar de aspirante supranumerario na repartição do Erario. Em agosto de 1833, sendo ministro da fazenda José da Silva Carvalho, passou para o thesouro publico e pela reforma que este fez em 1835 foi nomeado 2.° official da contadoria do tribunal do thesouso publico. Em 1842, sendo ministro o conde do Tojal, foi promovido a 1.° official da repartição da contabilidade do ministerio da fazenda. Em 1849 foi transferido para a direcção geral das contribuições directas, sendo nomeado chefe de uma das repartições da mesma direcção em 1859. Em 1860, sendo ministro o duque d'Avila, foi transferido para chefe da 1.ª repartição da direcção geral dos proprios nacionaes e em seguida nomeado para fazer as vezes de director nas faltas d'aquelle. Foi nomeado para differentes commissões, entre ellas em 1835 para rever os lançamentos das decimas em Lisboa, e em 1836 para a da superintendencia dos novos e velhos direitos. Fez parte dos batalhões nacionaes e dos empregados publicos em differentes epocas.

Casou em 1835 com D. Anna José de Souza Miranda e Castro—que falleceu em 9 d'abril de 1848—de quem teve dois filhos os nossos amigos o dr. Joaquim Pedro Seabra Junior o conde da Junqueira. Esta senhora era filha de Balthazar José de Miranda e Castro, cavalleiro professo na ordem militar de S. Bento d'Aviz, sargento mór de infantaria do estado maior da India e tenente coronel da Legião de tropas ligeiras em Lisboa, e de sua mulher D. Anna Ritta Sagerman. Pelos seus serviços prestados durante a sua longa carreira foi agraciado com o foro de fidalgo cavalleiro, com o grau de cavalleiro de Christo em 1836, com o grau de cavalleiro de Nossa Senhora da Conceição em 1842, com a commenda de Christo, com a medalha de febre amarella em 1857, com o titulo de conselho de sua magestade em 1862, com a commenda de Carlos III de Hespanha e com a medalha Dantesca e Salvatory, com o titulo de visconde ds Botelho Seabra em 1887. Serviu ultimamente o logar de director geral dos proprios nacionaes do ministerio da fazenda.

Dr. Barbosa Leão.—Falleceu no Porto, como já noticiámos, o sr. dr. José Barbosa Leão, sympathica e nobre figura. O dr. Barbosa Leão, nascido a 15 d'outubro de 1818, contava setenta annos de idade.

Era diplomado em medicina pela Escola Medica do Porto e pela faculdade de medicina de Bruxellas.

Quando se organisou a junta do Porto, estava de licença em casa, mas, patuleia do coração e idolatra de Manuel Passos, não lhes soffreu o animo que não viesse apresentar-se á junta, sendo então collocado como cirurgião-mór no regimento n.° 2 (o actual regimento 18).

Seguiu com a divisão do conde das Antas em direcção a Lisboa, sendo aprisionado em Torres Vedras, foi recolhido na fragata *Diana*, onde esteve seis mezes.

Restituido á liberdade e desenganado de que os seus ideaes politicos vinham ainda distantes, retirou-se, com licença, para o Brazil. Depois de anno e meio de demora ali, regressou á Europa e esteve na Belgica, onde tomou o grau de doutor.

Voltando a Portugal e reintegrado no seu posto, foi em 1856 nomeado secretario geral para Moçambique. Era governador da provincia o actual general Vasco Guedes, e com elle collaborou intelligente e zelosamente na administração d'aquelle nosso dominio ultramarino.

Outra vez na metropole, fundou no Porto, assoc ado com Cruz Coutinho, o *Jornal do Porto*, de que foi redactor, conjunctamente com o illustre chefe do partido progressista, o sr. conselheiro José Luciano de Castro.

Em 1860, sendo nomeado o conselheiro Sebastião Calheiros governador geral de Angola, nomeou-o seu secretario, logar que exerceu conscienciosamente, como costumava, até principios de 1864.

Depois d'isto fundon o *Jornal de Lisboa*, em que teve por collaborador a Teixeira de Vasconcellos.

Foi deputado por um dos circulos do ultramar, e n'essa qualidade, conhecedor como rarissimos das necessidades da nossa administração colonial, teve a coragem das suas opiniões, que expoz chamante, como as intendia, no seio da representação nacional.

Que o continente negro era vastissimo e mal podiamos atravessar-nos em todo elle. Administrassemos sómente aquillo que podessemos administrar proficuamente, e cedessemos por venda o que, desamparado como estava, podiam tomar-nos de graça.

Publicou relatorios importantes, e a sua *Analyse ao orçamento do Estado*, um volumoso in-folio, demonstra victoriosamente a sua grande aptidão e notaveis conhecimento de todos os ramos da administração publica.

Emprehendeu ultimamente uma campanha, em que se viu a final quasi só, mas infatigavel, a favor da reformação da nossa ortographia.

Uma scena triste. — Conta uma folha de Penafiel, de 16 :

«Hontem de manhã, na visinha freguezia do Santa Martha, d'este concelho, deu-se um facto que despertou immensa curiosidade, levando a todos os espiritos amarguradissima tristeza. Contemos: Rosa de Jesus, solteira, tecedeira, do logar da Estrada, da referida freguezia, achava-se no ultimo periodo de gravidez e via-se a braços com as agudissimas dôres de um parto extremamente laborioso e difficil. A mãe, coitadita, pondo de parte uns certos maus humores que botava á filha por ter enganado tanta vez a sua vigilancia materna, foi-lhe dispensando os seus carinhos e labutou muitas horas no auxilio da desgraçada. Por fim viu-se impotente para tão enorme trabalho, e n'um leve momento de descanço lá foi alquebrada e cheia de lagrimas pedir soccorro a uma visinha. Mas atravessou a estrada, internou-se n'uma horta, tropeçou, fraquejaram-lhe as pernas e ella cahiu instantaneamente morta. Pouco depois, uma mulher que passava n'um carreiro proximo, descortinou aquelle vulto, approximou-se e reconheceu a desventurada, que se chamava Gertrudes Rosa, mais conhecida pela alcunha de *Gancha*. A parturiente ainda hontem á tarde não sabia do fallecimento de sua mãe, e por vezes, com a creancinha que déra á luz, no collo, gritava aos visinhos que lhe déssem noticias d'ella.

Despachos administrativos.—Effectuaram-se os seguintes :

Bacharel Albano Augusto de Sousa Pinto, delegado do procurador regio na comarca de Celorico de Basto, nomeado vogal do tribunal administrativo do districto do Funchal.

Bacharel Joaquim Duarte Paulino do Valle, conservador privativo do registo predial na comarca de Caminha, nomeado vogal do tribunal administrativo do districto do Funchal.

Bacharel Manuel Tavares Mendes Vaz, conservador privativo do registo predial na comarca de Lagos, nomeado vogal do tribunal administrativo do districto da Horta.

Bacharel Miguel Justino Araujo Alvares, juiz de direito da comarca da ilha do Pico, nomeado vogal do tribunal administrativo do districto de Leiria.

Bacharel Carlos Augusto Vellez Caldeira Castello Branco, juiz de direito de 3.ª classe, servindo o logar de auditor geral de marinha, nomeado vogal do tribunal administrativo do districto de Lisboa.

Modas.—Do ultimo numero do *Mundo Elegante* transcrevemos a seguinte chronica :

Os vestidos redondos com pannos dispostos quasi a liso estão na ordem do dia, e como a redingote, dividem entre si o enorme successo que lhe tem prodigalisado as elegantes de bom gosto. As saias de baixo, d'uma elegancia extrema, são em setim de Pekin e *moire* com um alto folho preguceado e nas seguintes cores que são as da moda, para este genero: Betume, verde russo, côr de vinho escuro, e preto ás riscas.

E' muito bonito, confortavel e pratico. Estas saias são forradas de seda ou finissima flanella afim de lhes dar mais consistencia e ao mesmo tempo de as tornar mais quentes.

[illegible] começado a pôr um pouco de parte a tournure, que como já lhes disse em tempo se usa sempre, embora em tamanho diminuto.

Muitas senhoras substituem a tournure por uma almofadinha estofada, de maneira que esta sob uma saia das que acabo de indicar, faz dar á toilette a amplidão que ella obteria com uma tournure de dimensões regulares.

Fazem-se tambem umas pequeninas saias em flanella ingleza impressa com varios desenhos ou ás riscas guarnecidas com folhos da mesma fazenda ou com um folho em bordado.

Estas pequeninas saias são muito confortaveis, acompanham o ventre e qualquer senhora, póde executal-a com um pequeno coupon de tecido de qualquer natureza, obtendo assim uma phantasia gentil a um preço baratissimo, quando se tivesse de a comprar feita, lhe custaria muito mais.

A redingote direita com pequeno cabeção faz furor. Esta fórma simples é muito facil para uso e convém muitissimo ás senhoras fracas e delgadas. Faz-se em panno guarnecido de fina soutache com desenhos muito juntos n'uma côr mais escura que o fundo da fazenda. O corpinho guarnece-se na mesma disposição da saia, isto é, assemilhando o mais possivel o bordado d'um e outro artigo.

A cauda obtem grande favor para as toilettes não só d'uso domestico como para as de baile. Redondas, quadradas, ou ainda um pouco compridas e agudas, dispõem-se magestosamente em pregas graciosas, dando uma linha extremamente elegante e distincta á senhora que a usar.

Os magnificos tecidos de que se compõem as toilettes actuaes reclamam a cauda, e este inverno ella será a favorita dos salões.

Os bordados em ouro, as contas e vidrilhos de que a moda ainda senão despediu nem abandonou virão dar a estas toilettes uma guarnição de belleza um tanto phantasista mas encantadora.—*Blanche de Mirebourg.*

Viagem de sua magestade a rainha.—O *Imparcial* de Madrid, de 16, descreve assim a chegada de sua magestade a rainha de Portugal á capital hespanhola :—«No *Sud-express* chegou hontem á noite a esta côrte sua magestade a rainha de Portugal. O comboyo, que devia ter chegado ás 11 horas e 10 minutos, só chegou ás 12 horas e 45 minutos. Esta demora foi causada pelo numero de paragen que o trem teve de fazer ao cruzeiro com outros comboyos, e ao esperar o trem de França em Irum.

Desde as 12 horas estavam esperando na estação do Norte a chegada da rainha D. Maria Pia, sua magestade a rainha regente, suas altezas as infantas Izabel, Eulalia e Paz e o infante D. Antonio e o principe da Baviera. Do governo estava o ministro dos negocios estrangeiros.

Entre as outras pessoas de caracter official recorda-nos ter visto todo o pessoal das embaixadas portugueza e italiana, com os srs. conde de Casal Ribeiro e barão de Blanc á frente, o governador civil, sr. Aguilera, o presidente da deputação da provincia, marquez de Sardoal, duques de Medina Sidonio e de Bejar, o marquez de Najera e damas de honor de sua magestade a rainha D. Christina e das infantas. A' chegada do comboyo fez as honras uma companhia do regimento das Asturias, com a respectiva banda.

Ao descer do wagon a rainha de Portugal foi saudada com vivas enthusiasticos, levantados quando a banda tocava o hymno portuguez.

Acompanham sua magestade a rainha de Portugual, além do seu sequito, seu filho o principe Affonso, duque do Porto, o duque de Loulé, e a sua dama de honor, D. Eugenia Niza.

Ao descer do trem, a rainha de Portugal beijou a rainha de Hespanha, que lhe apresentou todos os membros da familia real.

Suas magestades, acompanhadas pelo principe D. Affonso, foram da *gare* para o palacio em *landeau* seguidos por uma escolta.»

A rainha no Instituto Pasteur.—Sua magestade a rainha foi no dia 13, acompanhada do sr. infante D. Affonso e do sr. D. Antonio de Lencastre, assistir ás sessões de inoculação do virus rabico em casa do eminente chimico Pasteur. Sua magestade mostrou o mais vivo interesse pelas operações, e agradeceu em termos commovidos ao illustre sabio, em nome dos serviços que elle tem prestado á humanidade e em nome de Portugal, a maneira como elle tem curado os infelizes que sua magestade lhe enviou e recommendou. Como M. Pasteur convidasse sua magestade a ir ver o instituto, que devia inaugurar-se no dia seguinte, a rainha insistiu para que fosse com ella na sua carruagem.

Bismark doutor. — A faculdade de theologia protestante da Universidade de Giessen conferiu o titulo de «doutor honorario» ao principe de Bismark. No diploma que enviou ao chanceller, o corpo docente da Universidade diz que, «conferindo-lhe aquelle titulo, entende honrar o homem de estado, unico que, temendo apenas Deus, e confiando na Providencia que dirige os destinos dos povos, serviu tres imperadores com uma fidelidade sem exemplo, sustentou a causa do Evangelho em todas as partes do mundo, quiz que a egreja evangelica fosse governada conforme os seus proprios principios e não segundo um ideal que lhe é estranho, e reconheceu que a religião christã é a unica que póde oppôr-se ás miserias sociaes.»

Ponte na Mancha.—Alguns jornaes francezes dizem que uma commissão internacional anglo-franceza adoptou os estudos d'uma ponte sobre o canal da Mancha. A este respeito diz o *Economiste Français* :

«E' já antigo o projecto, e, sob o ponto de vista technico, ha quem as[illegible] que encontra[illegible] civeis: em primeiro logar seria enormemente dispendioso, umas poucas de vezes mais que o tunnel sob a Mancha, e é pouco provavel que o trafico lhe podesse pagar os encargos; em segundo logar, constituiria no meio da Mancha uma serie de escolhos artificiaes—cada pilar formando um obstaculo com o qual, em caso de nevoeiro ou temporal, os navios correriam risco de se despedaçarem. Seria, pois, necessario para a execução d'esse plano, não só o accordo da França e da Inglaterra, mas o de todas as nações maritimas: ora o consentimento da Inglaterra não está certo, e o das de mais potencias maritimas é de ponto problematico. De facto, no momento presente, não existe senão um projecto de, relativamente, facil execução para communicar em via terrestre a França com a Inglaterra: é o tunnel submarino. No dia em que a Inglaterra désse o seu consentimento, esse tunnel executar-se-ia, segundo parece, com grande facilidade. Quanto á subscripção de *partes de fundador* d'uma ponte sobre a Mancha, póde ser uma subscripção profissional, de parte de pessoas que se interessem pela arte de engenheria; consideral-a como collocação séria de capital seria muito aventuroso.»

Novo tratamento hygienico da tisica — Um sanitarium em Montachique.—Continuam os homens da sciencia a investigar sobre os meios de combaterem com efficacia o terrivel morbo, que é factor importante na mortalidade das cidades. Em Lisboa entra a tuberculose por um quinto na sua estatistica demographica.

Trata-se hoje mais da hyhiene que da applicação de medicamentos, dos quaes exceptuando talvez o tannino e o ideoformio, dão mediocres resultados. Nos methodos de tratamento é sempre o ar, o grande agente modificador. O dr. Halter observou que em certa localidade de Westphalia, onde funccionam fornos de cal, os operarios empregados n'esses fornos são refractarios á tuberculose, em quanto que essa doença faz numerosas victimas entre os outros habitantes do local. O dr. Halter examinando meticulosamente as circumstancias que pódem explicar essa immunidade profissional e não acreditando na acção especifica das particulas de cal suspensas na atmosphera, que respiram os operarios na visinhança dos fornos, conclue que essa immunidade é proveniente da grande seccura e da temperatura elevada do ar, que os operarios respiram no interior e na proximidade dos fornos. Entende que essas duas condições teem como resultado manter o ar n'um grande estado de pureza, com respeito aos germens da tuberculose, além de activar a funcção respiratoria e a funcção cutanea, actividade necessaria para a destruição dos bacillos da tuberculose.

O dr. Halter propõe, pois, utilisar as inhalações de ar quente e secco concorrendo este tratamento com os banhos romanos de ar quente,—para a prophylaxia e tratamento da tisica, na quantidade de um ou dois banhos por dia, com a duração de um quarto de hora ou de meia hora cada um. O ar inhalado deve elevar-se á temperatura de 120° a 150°, condição indispensavel para que os gazes circulando nos pulmões tenham a temperatura de 41° a 45°, que é necessaria para efficaz resultado.

As inhalações deverão ser feitas durante o banho de ar cuja temperatura será de 40° a 50°. Comtudo o auctor não recommenda este tratamento a doentes chegados ao ultimo periodo da tisica, febricitantes e apresentando tendencias ás hemoptises. O dr. Krull propõe tambem as inhalações de ar quente, mas attribue outra acção a esse meio, qual é o de dilatar os vasos pulmonares, activando a nutrição do parenchyma respiratorio, e tornando-os assim prejudiciaes aos bacillos. O dr. Krull diz que o ar destinado ás inhalações não deve ultrapassar 40° de temperatura.

Um outro modo de tratamento é preconisado na Allemanha: o tratamento ao ar livre nos bosques, n'uma barraca ou telheiro, tendo sómente o cuidado de cobrir-se o doente convenientemente á noite. Eis o tratamento de que se contam curas maravilhosas.

Entre nós era para estimar que se fizessem algumas tentativas n'este sentido. Abundam em Portugal excellentes localidades para um *sanitarium*. Aqui ao pé de Lisboa temos a Cabeça de Montachique, logar de altitude elevada de temperatura quasi constante e de ar secco. Diz-nos um abalisado clinico que n'essa localidade não consta ter havido casos de tuberculose. Seria, pois, um logar bem escolhido para uma *estação* de tratamento da tuberculose.

Velocipedistas.—Refere um collega :—Alguns velocipedistas bracharenses e portuenses effectuaram um interessante passeio pela Minho e norte de Hespanha.

Os *touristes* partiram de Barcellos, visitaram Espozende, Vianna, Caminha, Guardia, Bayona, Vigo, Redondella, Pontevedra, Marin e os arrebaldes d'estes logares.

Percorreram a distancia de 241 kilometros em 13 horas, registrados por tres cyclometros que levavam.

Em Darque juntaram-se alguns socios de Vianna e em Bayona encontraram-se com um contingente do Club Velocipedista de Vigo.

Por delicadeza o commandante dos Touristes Portuguezes offereceu o commando do Club ao commandante do Club de Vigo, o não foi acceite, sendo unanimemente resolvido que tivesse esta honra o commandante dos Touristes, Carlos Tugman.

Agradou muito o aspecto dos excursionistas, reluzindo ao sol os seus cavallos nickeledos e fazendo as suas manobras em marcha, de fileira e pa[illegible] conforme os signaes do seu commando.

Na frente ia um Trieyclist hespanhol, em seguida os bicyclits hespanhoes, dando a direita aos Touristes portuguezes com os seus pittorescos trajos e bonnets brancos trópicos, seguidos pelos commandantes dos doie clubs, montadoe nos seus bicycles *Segurança*.

O toque de desmontar foi dado á chegada ao jardim, em Vigo, tendo os dois Clubs percorrido a distancia de 26 kilometros em 75 minutos.

Em Vigo houve jogos cricket e exercicios de natação pelo Club de Vigo, em que tomaram parte os Touristes, e depois de visitarem os arrabaldes da cidade e assistirem ao espectaculo da opera *Favorita* pela companhia lyrica italiana, seguiram para Redondella, Pontevedra, Tuy e Valença, regressando a Barcellos, Braga e Porto satisfeitissimos pela recepção agradabilissima de que foram alvo durante o seu agradavel e esplendido passeio. Tomaram parte n'esta digressão sete velocipedistas hespanhões e sete portuguezes.

Em breve, os mesmos rapazes tencionam excursionar pela Beira Alta, passando por Aveiro e Coimbra.

Crimes em Londres.—Já agora parece que o sinistro personagem *Estripador* só poderá ser *agarrado com a bocca na botija*. A policia londrina, a decantada policia tão activa, tão diligente, tão perspicaz, está dando uma triste ideia d'essa perspicacia e activa.

Muitas medidas, muitos systemas, muitas patrulhas e nada.

Commette-se um assassinio, outro e outro, o registo criminal conta já 7 monstruosidades e os 6:000 (?) policias não conseguem encontrar uma pista.

Alguns jornaes inglezes elogiando a policia das ruas, queixam-se e com razão da policia de investigação.

Jack o *Estripador* enviou outra carta que foi recebida em Leman-street, promettendo novas proezas para brevemente, em estylo chulo.

Confrontada com outras averiguou-se não ser do mesmo punho.

Foi preso um tal Thomaz Murphy por suspeitas. E' um homem de 35 annos, alto, moreno, bigode espesso e aspecto de marinheiro.

Encontrou-se-lhe uma navalha afiada que, só de folha, mede 10 pollegadas! No calaboiço, onde o encerraram entreteve-se durante a noite a ler e reler um pedaço de um jornal.

E nada mais se fez em tantos dias!

O anarchismo em Hespanha—A dynamite.—A's dez horas da manhã, de domingo ultimo, celebrou-se no Circo Equestre de Barcelona uma reunião de anarchistas, a que assistiram uns dois mil operarios e algumas mulheres.

O objecto da reunião foi commemorar a execução dos anarchistas em Chicago, effectuada fez no domingo um anno. Pronunciaram-se muitos discursos, censurando mais ou menos asperamente os partidos politicos e recriminando os srs. Zorrilla, Pi, Castellar, Cânovas e Romero Robledo.

Um orador começou a fallar em catalão, porém o delegado da auctoridade não o deixou continuar, allegando que a lei das reuniões só permitte que n'estas se falle em castelhano.

Aquella prohibição deu origem a muitos protestos.

Um outro orador pediu que associassem os seus assobios aos que foram dados ao sr. Canovas, em testemunho de desaggravo aos estudantes. Outro disse: *Contra espingardas e canhões temos defeza de sobra nos gabinetes chimicos.* Esta allusão á dynamite foi extraordinariamente applaudida.

O jornalismo em Paris.—Publicam-se ali actualmente 1:408 periodicos, dos quaes 94 são politicos, 56 litterarios, 67 illustrados, 17 diplomaticos, 17 de seguros, 63 catholicos, 21 protestantes, israelitas 24 franc maçons; 27 militares, 25 de *sport*, 146 financeiros, 85 industriaes, 30 de theatro, 83 de jurisprudencia, 34 de annuncios, 50 de modas, 66 de commercio e 143 diversos.

Das revistas, são litterarias e politicas 83; medico-pharmaceuticas, 134; de bellas-artes, obras publicas e technicas 128; de sciencias 71; de instrucção e educação 72; de administração 34; de agricultura e horticultura, 43 e de bibliographia 32.

Commercio da India Portugueza.—Calcula-se em 40 milhões o numero de côcos annualmente produzidos em Gôa, sendo 19 ou 20 milhões só do concelho de Salsete. E' este o principal ramo da nossa exportação. Durante os poucos mezes em que a via ferrea tem trabalhado regularmente, cerca de 1:600$000 côcos teem sido exportados por esse caminho a diversos pontos do paiz vizinho, como Belgão, Hanapur, Hubli, Darwar, Hariar, etc., e a exportação continua em pequena escala, porque é feita, não pelos productores, nem por algum negociante d'aqui, mas por diversos emprezarios vindos de cada um d'esses pontos, onde o côco tem consumo e é vendido a 42 rupias, e aqui não dão os compradores senão vinte e cinco rupias.

O transporte de mil côcos descascados de Margão a Hubli custa 4 1|2 a 5 rupias, sexta parte do que se gastava indo pela boiada, Mais ao interior não iam os nossos transportes de bois. E hoje, podendo o côco ser levado para pontos mais afastados com frete inferior ao que custava para Hubli, é natural que consigamos ahi venda vantajosa. A verdade é que não se encontram por ahi mercados onde a venda seja grande; mas do pequeno consumo em cada um dos varios pontos resultará que a somma total faça com que a procura não seja inferior á offerta, e nós possamos obter um preço rasoavel, pelo menos de 30 rupias pelo milheiro do nosso principal producto.

O duque de Villahermosa.—Morreu em Madrid D. Marcelino Aragon Azlor, duque de Villahermosa, conde de Guara e de Luna, [illegible] um dos mais illustres representantes da antiga aristocracia hespanhola. Foi condiscipulo do poeta D. José Zorilla com quem entreteve estreitas relações de amizade. O cadaver deve ter sido trasladado para o jazigo de familia do palacio dos duques de Villahermosa, em Pedrola (Aragão), celebre pelas scenas descriptas por Cervantes no episodio *D. Quixote na casa dos duques.*

Os bebados de Londres. — Ha poucas semanas celebrou-se um *meeting* em Londres contra o abuso do alcool, o que deu logar a revelações que assombraram o mais impavido.

Em 1851 prenderam-se em Inglaterra 70:097 bebados, entre os quaes 44:520 homens e 27:797 mulheres; em 1876 prenderam-se 104:174, entre os quaes 36:880 mulheres. Na Irlanda a cifra augmentou em 25 annos de 4:046 a 8:871; na Escocia de 27:643 a 58:630, entre os quaes 18:452 mulheres. Como se vê, na Irlanda o numero de ebrios quasi triplicou, emquanto que na Escocia só duplicou, e na Inglaterra não augmentou senão um terço. E' preciso observar aqui que não tratamos do numero exacto dos bebados, mas só de aquelles pobres infelizes que em estado de embriaguez dão escandalo e obrigam a policia a prendel-os. Para obter o verdadeiro numero de ebrios seria preciso accrescentar um zero á direita das citadas cifras. Ha aqui uma coisa digna de meditar-se. O pão comido em 10 annos pela população ingleza, custou 1.750.000.000 schillings; o assucar, 625.000.000; o café e cacau ascende a 500.000.000; o carvão para cosinha custou 375 milhões de schillings; o aluguer de casas dos citados consumidores eleva-se a 1.750 milhões de schillings; os fatos de vestir representam uma somma de 350 milhões; as escolas, 275 milhões; e as obras de caridade feitas ás missões, 27.250.000. N'este mesmo espaço de tempo, o mesmo numero de habitantes consagraram á bebida a fabulosa somma de 4.400 milhões de pesetas, que constituem uma despeza tão grande como todas as outras reunidas.

Arvores commemorativas.—A Inglaterra tem ainde a amoreira de Shakspeare. Sobre o tumulo de Virgilio cresce ainda o loureiro centenario. Os boababs de Cabo Verde, as wellingtonas da California recordam os primeiros seculos da creação. Os cedros do Libano, os teixos de Fortingais e de Braburn, no condado de Kent, remontam aos tempos biblicos. As oliveiras, sob as quaes Jesus Christo descançou, ainda existem, a acreditar na tradição. O *carva capella* de Allonville, perto de Yvetot, nasceu de uma lande que germinou pelo anno 1000. No bosque de Vincennes admiron-se por muito tempo o carvalho famoso debaixo do qual S. Luiz distribou justiça. Ainda ha pouço se via em Roma uma laranjeira plantada por S. Domingos em 1200, no convento de Santa Sabina; e uma outra plantada em 1278 por S. Thomaz de Aquino no mosteiro de Fondi.

Conserva-se tambem em Versailles uma laranjeira chamada o *Grande Bourbon*, e que foi plantada em 1411 por uma das avós de Joanna de Albert. Os antigos persas tinham a respeito da cultura das arvores a seguinte maxima :

«Ter um filho, lavrar um campo e plantar uma arvore são os tres actos mais agradaveis a Deus.»

A QUESTÃO DOS CEREAES

O sr. ministro da fazenda, por parte do governo, enviou hoje á Real Associação de Agricultura um officio muito importante.

Queixavam-se os agricultores de que o direito differencial entre a farinha e o trigo era um beneficio que só aproveitava aos moageiros, e que a agricultura fôra sacrificada ás fabricas de moagens.

O governo põe a questão agora nas mãos dos lavradores, convidando-os a que montem elles fabricas de moagem por sua conta, e offerece-lhes garantias e subsidios para a realisação d'essa empreza.

Vamos a ver se a agricultura nacional ainda tem razão de queixa.

O documento para a qual chamamos a attenção dos nossos leitores é pouco mais ou menos concebido n'estes termos :

«A lei vigente auctorisa o governo a estabelecer moagem e padaria do Estado, devendo aquella fornecer a farinha para esta e para as fabricas de bolacha e massas alimentares destinadas ao consumo do exercito, e da armada e d'outros estabelecimentos publicos. Subsidiariamente forneceria farinhas para padarias municipaes e ainda para o publico.

Teria incontestavel valor este estabelecimento, dando largo consumo a trigos portuguezes; mas parece que nas mãos do governo não seria tão efficaz para combater o monopolio *pratico* ou o concluiu das fabricas particulares, como se fosse tambem um estabelecimento particular dirigido pelas pessoas mais directamente empenhadas em favorecer a lavoura nacional e efficazmente protegido pelo Estado. Na falta d'esta protecção se tem baseado as principaes objecções contra o estabelecimento d'uma fabrica de moagens pelos proprios lavradores, mas todas desapparecerão, quando essa protecção se torne leal e efficaz.

N'estes termos parece ao governo que a Real Associação de agricultura portugueza, ou por si propria modificando quanto preciso os seus estatutos e obtendo approvação legal para tudo quanto d'ella careça, ou promovendo a organisação d'uma empreza sufficientemente poderosa e sujeita á sua fiscalisação, poderia estabelecer a grande moagem agricola, a qual, ou por si propria compraria trigos e venderia farinhas, ou se encarregaria em condições rasoaveis de moer cereal por conta dos lavradores, entregando no [illegible] como ou em parte os productos obtidos. Por sua parte o Estado poderia conceder a essa utilissima empreza:

1.° O direito por um praso largo de fornecer toda a farinha é mais derivados dos trigos de que o governo careça para o consumo dos estabelecimentos a seu cargo;

2.° Isenção da contribuição industrial por um periodo determinado;

3.° Isenção de direitos de importação para as machinas e utensilios necessarios;

4.° Uso da parte que seja necessaria do convento dos Grillos;

5.° Aproveitamento na parte relativa á moagem dos projectos approvados pela commissão que o governo nomeou pela portaria de 13 de agosto do corrente anno;

6.° Um subsidio do thesouro durante um periodo de annos a determinar, ou garantia de juro por praso limitado.

A MAROMBA NO DOURO OU A ANTHRACNOSE DEFORMANTE

Depois do que escrevi nos n.os 6 e 11 do *Boletim* sobre a maromba, tive occasião de visitar, em França, uma grande parte dos vinhedos de Medoc, podendo ahi comparar as vinhas atacadas pela anthracnose com as que, no Douro, experimentam os ataques da maromba, e d'este exame, d'este estudo, resulta que estou persuadido de que a maromba no Douro é o que, em França, se chama anthracnose deformante.

Em França, onde o clima é geralmente muito mais humido, as videiras, que enfermavam d'esta doença e não tinham sido tratadas, accusavam um estado muito mais grave, do que entre nós e, n'uma mesma videira, as tres variedades d'anthracnose pontuada, maculada e deformante, accumulavam por vezes, de tal fórma, os seus estragos que não era sómente a colheita dos cachos, mas a propria constituição da planta, que se achava sériamente compromettida.

No Douro, poucas vezes, tenho observado estragos tão pronunciados : geralmente as videiras, que vem a manifestar-se marombadas, desenvolvem-se com perfeita regularidade até meiados de maio ou principios de junho, e a maromba, que então se começa a produzir, não tem presa e acção sobre a parte da videira até ali formada e as alterações são só de certa altura por deante e na parte mais tenra mais herbacea: as varas tornam-se tortuosas e delgadas, os merithaes muito curtos; as folhas sarapintam-se com manchas escuras, castanhas, e de um verde mais ou menos amarellado; as que vão nascendo são enfesadas, encarquilham e enrepolham e, como isto se dá no periodo da floração, tão delicado para a videira, a flor desabrocha prematuramente e o desavinho é a triste consequencia das perturbações causadas á planta por esta nova invasão parasitaria. A's vezes porém, além d'estes phenomenos notam-se sobre as varas manchas escuras e, aqui e acolá, pequenas corrozões que, quando as varas chegam a tempar, se assemelham ás cicatrizes que a saraiva n'ellas costuma produzir.

Se a maromba atacar mais fortemente, principalmente nos sitios quentes e humidos, a vara não chega a tempar e os bordos d'aquellas corrozões ou «cancros» são muito mais salientes e, n'este caso, a parte da videira marombada é em tudo perfeitamente egual ás videiras que, em França, eu vi atacadas da anthracnose e debaixo do triplice aspecto, porque ella lá se manifesta, manchando, correndo e deformando toda a videira.

N'este estado não ha duvida possivel—quando a maromba apresenta no ataque a intensidade que atraz apontei e que é uma excepção no Douro—está tão caracterisada que, para quem conhecer a anthracnose não póde deixar de a considerar como tal.

No seu aspecto mais vulgar e frequente no Douro, cujo clima por extremamente secco, não é muito favoravel ao desenvolvimento da anthracnose póde haver duvidas sobre se a maromba será ou não a anthracnose. Pela minha parte, sem positivamente dar como indiscutivel a affirmativa, estou persuadido, e tenho a esperança de não errar, de que a maromba e a anthracnose, são uma só e a mesma molestia; e n'esta conformidade conto empregar, para a combater, os processos preventivos, que, em França, são postos em execução contra a anthracnose e com resultado quasi sempre completamente satisfactorio.

Tem muita importancia decidir-se se sim ou não é verdadeiro o diagnostico d'esta doença. Se realmente acerto na sua classificação, deixamos todos no Douro de estar deante d'um problema que nos assusta, é certo, pelos estragos, que temos mais ou menos experimentado, mas que nos incommoda principalmente pela ignorancia absoluta em que temos estado sobre a natureza do mal e por tanto sobre a qualidade do remedio a empregar para o combater.

Em França, depois de varias tentativas, com o sulphato de cobre e que derem algum resultado, mas incompleto, a opinião geral está definitivamente fixada, e hoje, ninguem discute a excellencia do tratamento feito com o sulphato de ferro, empregado na dose de 50 kilos em 100 litros d'agua.

Os tratamentos devem ser feitos, no fim do inverno e antes de se pronunciar o movimento da seiva na videira. Comprehende-se que um tratamento mais cedo não teria tanta acção sobre os sporos que estão na casca da videira, como quando elles estão para germinar com o aproximar da primavera. Por outro lado, como não convém poupar os olhos da vara da poda e pelo contrario é necessario humedecel-os bem na solução do sulphato de ferro, é absolutamente preciso ou pelo menos prudente que ainda se não note signal algum externo no accordar da vida vegetativa da planta.

Assim a melhor epoca deverá ser, para o primeiro tratamento a segunda quinzena de janeiro, e para o segundo, um mez depois.

Dois tratamentos são precisos; no segundo acabam de se destruir sementes, que, por ventura, fossem poupadas no primeiro tratamento.

E' esta a opinião do sr. Millardet, com quem tive occasião de tratar em Bordeus. Este illustre professor entende tambem que basta molhar *(badigeoner)* a vara da poda e a do anno anterior, sendo inutil o tratamento sobre a parte mais antiga da cepa. E' este porém um ponto, que convirá liquidar definitivamente pela observação, fazendo tratamentos em toda a extensão da videira e fazendo os só parcialmente como aconselha aquelle distincto experimentador.

O tempo mais conveniente para a applicação do remedio será o d'um dia quente immediatamente a um dia de chuva, ou um dia de simples nevoeiro, para evitar uma evaporação muito activa que concentraria rapidamente a solução se ella fosse applicada por tempo excessivamente sêcco ou com muito vento.

As videiras assim tratadas rebentam geralmente mais tarde, parecendo *os lançamentos, no começo*, mais frouxos: isto porém é obra de poucos dias, e até parece que a observação mostra que estes lançamentos são depois mais vigorosos e verdes do que os das cepas não tratadas.

Para preparar a solução a empregar contra a maromba ou anthracnose lançam-se 5 kilos de sulphato de ferro do commercio em 10 litros de agua quente, e emprega-se a solução emquanto ella não está inteiramente fria.

Um pratico, Skawinski, que em França tem empregado o sulphato de ferro ha muitos annos com grande vantagem para combater a anthracnose julga preferivel o sulphato de ferro acido. Eis as suas palavras que encontro n'uma publicação recente dos srs. Viala e Ferrouillat sobre esta molestia da vinha :

«Observei, em 1882, que se conseguiam resultados muito mais completos, para combater a anthracnose, empregando o sulphato de ferro sahido das cuvas de fabricação, isto é, impregnado d'acido sulphurico.

Fiz analysar este sulphato de ferro reconhecendo-lhe uma percentagem de perto de 1 0|0 d'acido sulphurico.

Desde então emprego com successo a solução seguinte :

50 kilos de sulphato de ferro, em que lanço 1 kilo d'acido sulphurico a 53°—Accrescento depois:

100 litros d'agua quente.

Para evitar toda a projecção tenho todo o cuidado em lançar o acido sulphurico sobre os crystaes do sulphato de ferro, e de não misturar com a agua quente senão depois d'esta operação; além d'isto é melhor não empregar senão acido sulphurico da força sómen-

te de 53° B, por que é muito menos perigoso a manipular.

Tenho sempre o cuidado de empregar a composição no proprio dia, porque, pelo esfriamento, o sulphato de ferro chrystalisa e a solução deixa de estar na concentração indispensavel para ser efficaz.

Pinto com um pincel, uma só vez nos primeiros dias de fevereiro, a vara da poda e a do anno anterior.—Melhor seria impregnar toda a cepa descascando-a préviamente, mas esta operação augmenta muito a despeza e não a considero indispensavel.

Se acontece chover logo depois do tratamento ou, se por qualquer motivo a côr da videira que não torna completamente escura, fico entendendo que a applicação não foi sufficiente e repito-a, mas unicamente nas cepas,cuja colloração me denuncia a imperfeição do primeiro tratamento».

Como se vê, a opinião de Skawinski sobre um segundo tratamento geral não concorda inteiramente com a de Millardet, que o aconselha sempre.

Tratando-se de experimentar este mesmo remedio no Douro e podendo servir o tratamento não só a curar uma molestia, que causa sérios prejuizos ao lavrador, como a definil-a e caracterisal-a d'uma maneira indubitavel—o que a efficacia, quando se dê, d'um remedio já provado no estrangeiro deve esclarecer inteiramente—parece-me prudente e sensato, que, n'este inverno, se siga o conselho de Millardet que, tem uma grande auctoridade scientifica e pratica, e se déem duas locções com o sulphato de ferro, composto como acima explicamos.

Não basta porém conhecer o remedio; o lavrador do Douro que, no geral, lucta com grande falta de meios, carece de saber tambem se é barato o tratamento, que se lhe aconselha.

Falta-me a experiencia para poder com segurança informar, o que se deve gastar por hectare. Isto depende da quantidade e do tamanho das videiras a tratar.

Em França, na região, onde pude colher estes apontamentos, cultivam-se, por hectare, no geral, 10:000 videiras; estas não se elevam acima do sólo mais de 0m,50 a 0m,60 e a esta altura é que nasce a vara da poda.

O tratamento, uma vez só, custa em França—mão d'obra e material—aproximadamente 900 reis por hectare ou 90 reis por milheiro.

Em videiras, como as do Douro, muito mais valentes e no geral com mais d'uma vara, mas tambem em muito menor numero de pés por hectare, julgo que a despeza não poderá ser superior a 180 ou 270 reis por milheiro e para um só tratamento.

Calcula-se no maximo que 15 litros de solucção de sulphato de ferro serão precisos para tratar 1 milheiro de cepas, ou 1½ arroba de sulphato de ferro por cada milheiro de videiras a tratar. Devem tratar-se todas as videiras d'uma vinha, e não sómente aquellas onde se notou a maromba nos annos anteriores.

O preço do sulphato de ferro é actualmente, nas lojas dos droguistas no Porto, de 1$250 por 60 kilos.

A Liga porém póde garantir aos seus socios preço ainda um pouco inferior, para o que está em relações e ajuste com uma casa fornecedora.

E' conveniente que os socios façam as requisições das quantidades, que pretendem gastar, até ao fim do mez de novembro proximo.

Recommenda-se a todos os socios da Liga, que ensinem este processo aos seus visinhos, que tenham vinhas a defender, dando-lhes minuciosamente as instrucções d'este *Boletim*, para por todos serem observadas com pontualidade. E' um bom serviço que prestam a si proprios á causa da lavoura em geral.

Foz. 28 de outubro de 1888.

MANUEL DUARTE G. PESTANA DA SILVA.

CARTA DE LISBOA

19 DE NOVEMBRO DE 1888.

Como se a propria natureza quizesse concorrer para tornar em tudo festivo o dia da chegada de sua magestade a rainha, o nosso bello sol peninsular, fulgurando n'um azul setineo, doira de gloriosos brilhos toda a cidade, que tem um vivo ar de alegria. Todos esperam com verdadeiro jubilo a hora em que a mais distincta das rainhas ha-de entrar n'esta Lisboa, que tanto a respeita, e tão grata lhe é pelos seus actos de generosa caridade. E não é só a capital que rejubila com a volta de sua magestade, da sua patria nativa á que a lopton, e sobre que lança profusamente as suas abençoadas esmolas. Todo o paiz ecebe com profunda alegria a noticia de que novamente se acha entre nós essa soberana, descendente de principes heroes, tão opulentamente dotada das mais encantadoras e aristocraticas qualidades, e tão prompta sempre a soccorrer a miseria, a responder aos gritos de infortunio de todos os desgraçados.

Saudando sua magestade a rainha manifesto ao mesmo tempo o prazer que nos causa o regresso de sua alteza o sr. infante D. Affonso, digno filho de tão nobres soberanos, como são os de Portugal. Bemvindos sejam suas magestade e alteza!

A's 4 horas e meia em ponto entrou na *gare* o trem real conduzindo sua magestade a rainha, el-rei, o principe e a princeza D. Amelia, o infante D. Affonso, e os srs. presidente do conselho, e ministros dos estrangeiros e obras publicas, sendo recebidos ao som do hymno real, e de calorosos vivas, que foram enthusiasticamente correspondidos. Na estação do Entroncamento, onde el-rei e os principes reaes haviam ido esperar sua magestade a rainha, e que se achava vistosamente ornamentada, havia grande concurso de povo, que com as suas côres vivas dos trajes domingueiros, e em que o sol fazia brilhar o oiro das arrecadas e enfeites do pescoço das mulheres dava uma nota alegre ao quadro. Quando chegou o comboyo que conduzia sua magestade a rainha, el-rei e os principes dirigiram-se immediatamente para a carruagem e aqui o encontro foi affectuosissimo. A senhora D. Maria Pia, como mãe dedicada que é, beijou com effusão sua augusta nóra; e as primeiras palavras que soltou foram para perguntar pelo seu netinho querido, de quem estava muito saudosa. Depois de recebidos os cumprimentos da comitiva e das auctoridades, poz-se o comboyo em marcha para Lisboa. Todas as estações do transito estavam apinhadas de povo, e n'algumas, que seachavam ornamentadas, as philarmonicas da terra saudavam com o hymno real o regresso da soberana. A estação de Lisboa estava ornada vistosamenta com o mais aprimorado gosto. Das janellas pendiam mais de cincoenta colchas de damasco e nas paredes ostentavam-se os escudos das capitaes dos districtos dos continentes, armas de Portugal, bandeiras e festões de verdura. Logo que suas magestades e altezas desceram da carruagem, parte das pessoas presentes formaram alas e todos se apressaram a beijar a mão de sua magestade a rainha em signal de regosijo pelo regresso da excelsa princeza. Na estação suas magestades eram esperadas pelo resto do ministerio, [illegible] de numero de pares e deputados, camara municipal de Lisboa, governador civil, corpo diplomatico, muitos funccionarios publicos e bastantes senhoras.

Findos os comprimentos dirigiu-se toda a familia real para os coches de gala, na seguinte ordem: uma força de cavallaria na frente, coches de gala da casa real e fechando o prestito os regimentos de lanceiros 2 e cavallaria 4. O aspecto de sua magestade a rainha, que trajava uma elegantissima toilette de viagem, é excellente, apezar da fadiga da jornada.

— Foram nomeados para compor as juntas de revisão militar:

No districto de Braga, os srs. tenente-coronel de infanteria 8 José G. da Fonseca, cirurgião-ajudante do mesmo corpo Julio A. L. Cardoso e cirurgião-ajudante de cavallaria 9 Manuel S. Zagallo Nogueira.

No districto de Vianna do Castello, os srs. tenente-coronel de infanteria 3 João L. S. de Amorim, cirurgião-mór do mesmo regimento Polycarpo A. E. Galvão e cirurgião-mór de cavallaria 10 Luiz A. de Oliveira.

No de Villa Real, os srs. coronel de infanteria 19 Viriato L. Cabreira, cirurgião-ajudante do mesmo regimento Arnaldo P. D. Torres, e cirurgião-mór de infanteria 9 Adriano C. O. Montenegro.

No de Bragança, os srs. coronel de cavallaria 7 Augusto P. de Moraes Sarmento, o cirurgião-mór do mesmo regimento Annibal A. G. Pereira e o cirurgião-mór de caçadores 3 Antonio A. O. Dias.

No de Aveiro, os srs. tenente-coronel de cavallaria 10 Luiz C. de Oliveira Miranda, o cirurgião-ajudante do mesmo regimento Abilio A. da Fonseca e Souza, e o cirurgião-ajudante em disponibilidade Joaquim A. de Almeida Ferreira.

— O *Diario do Governo* publica uma portaria nomeando uma commissão encarregada de estudar a importante questão dos prasos da corôa na provincia de Moçambique. Essa commissão é composta dos srs. Francisco Maria da Cunha, Antonio Eunes, Oliveira Martins, José da Cunha de Eça Azevedo, Hermenegildo Carlos de Brito Capello, Francisco dos Santos, Luiz Velloso da Rocha, Antonio de Souza Horta e Costa e Henrique Carlos Lima.

— Accentuam-se cada vez mais os indicios de loucura no varino Manuel José Dattos, o *Gago*, protogonista do drâma da rua do Ouro. Não foi possivel conserval-o socegado na enfermaria. Apenas viu distribuir os talheres aos enfermos que ali estavam, foi-se metter cheio de pavor a um canto da sala, pedindo que o não matassem e que lhe retirassem d'ali aquelles homens que lhe queriam tirar a vida. Viram-se pois na necessidade de o retirar da enfermaria, transportando-o para a sala da capella, onde o installaram isoladamente, conseguindo só assim que elle socegasse um pouco. Apesar de o horrorisar a ideia de que o desejam matar, parece não ter muito amor á vida, chegando algumas occasiões a pedir a morte. Quando lhe intimaram o depacho de pronuncia, voltou-se para os empregados do tribunal, dizendo-lhes :—«Digam ao sr. juiz que póde mandar-me matar, mas que não empregue faca para isso. O melhor é levar-me para o Terreiro do Paço, e no mesmo sitio onde houve a grande desgraça, e ali póde matar-me com um tiro de peça ou com um revolver. Mas com faca não!» Ve-se que o horrorisa o instrumento com que praticou o crime.

— Consta que desappareceu ha 3 dias um individuo a quem uma casa commercial confiara 2:500$000 réis, para despacho de fazendas, recebendo agora a familia uma carta em que elle declarou que ia suicidar-se.

— A Sociedade União Agricola Portugueza vai começar a estabelecer estações e colonias no Alemtejo. O administrador do marquez de Leveci apresentou hontem a el-rei os planos das estações.

Y.

COMMUNICADOS

NECROLOGIO

No dia 4 do corrente falleceu em Papizios, concelho do Carregal, um filhinho dos ex.mos srs. Antonio Cabral e de D. Maria Luiza. Foi um infausto acontecimento que levou attribulação ao coração dos extremosos paes e dos illustres avós os ex.mos srs. Nicolau Cabral e José Corrêa de Lacerda e um grande luto e um golpe profundo n'aquella nobilissima familia.

A fallecida creancinha era a alegria, o enlevo e o encanto de seus paes e parentes. O tufão da morte deixou vasio o berço transformado de manancial de jubilos em urna de lagrimas. Era um sorriso do Céu e eclipsou-se; era um alvorecer d'uma esperança e escureceu-se; era um thesouro de affectos e desappareceu. Era um anjo; por isso a falta da sua doçura e da sua luz mais cerrados e doloridos deixou os lutos no coração dos paes e avós. Só a fé que nos mostra no Céu a patria d'esse anjo póde balsamar a dôr e levantar a coragem e o alento da desolada e illustre familia. Associando-nos a essa dôr aqui deixamos lavrado o sincero testemunho da nossa amizade, acompanhando esta nobre, distincta e virtuosa familia na dôr que dilacera o seu coração e alentamos a esperança de que este anjo nas altas regiões pedirá por nós.

Parada de S. João d'Areias 15 de novembro de 1888.

L. P. d'Oliveira.

SECÇÃO LITTERARIA

O PRESENTE DOS REIS

—Onde diabo tens tu o juizo, creatura desastrada, que não me deixas ficar caco inteiro!

A pobre Mariquitas, atordoada e como que abstrahida, não respondeu palavra a similhante apostrophe; olhou para a ama parvamente, murmurou por entre dentes uma desculpa, e, de esfregão em punho, continuou lavando a louça com toda a pressa, agora desbeiçando uma taça, logo rachando uma caneca, depois arrancando a aza a um pucaro, com grande indignação da sr.ª Bruna, que não cessava de repetir feita um basilisco:

— Oh, mulher!... Oh, burra!... Tens mãos de ferro!... E's o espirito da destruição!

Mariquitas calava-se e continuava esfregando sem descanço, emquanto a sr.ª Bruna limpava os talheres e os collocava uo armario esmeradamente embrulhados em papel côr de rosa.

Junto do fogo, sob a ondulante enfiada de chouriços e morcellas que seccavam ao fumo na ennegrecida chaminé, dormitava o sr. Zoilo, chupando com delicia um immenso cigarro de papel no qual ardia, sem mentir, meia onça de tabaco. Não longe do lume, rosnava enroscado o corpulento mastim, e o ruivo gato, que arranjara cama macia entre as patas do cão, abria de quando em quando os olhos para vêr o que se fazia em roda, deixando ouvir o seu mais placido miar. Um candieiro, limpo como o oiro, pendurado por sobre o fogão, talvez humilhado entre a muita luz que d'ali se despedia, talvez por falta de azeite e fartura de toreidas, estava proximo a apagar-se, em quanto que as chammas da fogueira na qual se queimava o tronco da Natividade, como perseguindo-se umas ás outras e procurando subir chaminé acima em busca do seu amigo o ar, alumiava com um resplendor claro e alegre as paredes da cosinha revestidas de gesso, os bancos e a mesa de pinho sem pintura, o poial onde se lavava a louça, os aceiados cantaros da agua, os reluzentes azulejos da chaminé, a bateria de caçarolas e frigideiras de cobre, os armarios adornados de cortinas de papel, a escopeta e o polvorinho encostados ao pé da janella, os mulos perto da fogueira, alguns utensilios de lavoura deitados aqui e ali, e varios instrumentos de todos os officios postos por todas as partes, que o sr. Zoilo, se era lavrador de profissão, gostava da caça, e, activo como elle só, matava as horas vagas do campo e não sei que cargo de justiça que exercia no povo, em executar com muita habilidade objectos de carpinteiro.

Lá fóra soprava um vento agudo, a noite tinha chegado escurissima e começava a cair neve em silenciosos flocos.

Terminou finalmente a arrumação, e a sr. Bruna encarando com o marido gritou-lhe :

— Ouve lá, Zoilo, esperta o somno que vamos jogar uma biscada.—E virando-se para a creada disse-lhe :—Vae-te deitar.

— Agora é que eu vou pôr o meu sapato,—resmungou Mariquitas com os seus botões, mas não tão devagar que a sr.ª Bruna não percebesse.

— Que diabo é isso de sapatos? perguntou ella emquanto tirava as cartas da gaveta da meza.

— Nada, sr.ª, nada.

E a creada dirigiu-se para a estreita escada dos andares superiores.

Pobre creatura.

Tossia com frequencia, era de compleição delicada e fraca, tinha o peito muito encovado, as faces muito pallidas e os pomulos muito salientes; apenas contava treze annos, essa edade critica na qual o anjo perde as azas e se transforma em mulher. Não se lhe podia chamar feia, e todavia não passava de engraçada, apezar do muito trabalho e da muita miseria que lhe roubavam côres á cara, fulgores aos olhos, brilho aos cabellos e redondesa ás fórmas. Cahia sempre com somno ao terminar o trabalho; n'aquella noite, porém, subia Mariquitas as escadas muito esperta, e com um não sei quê de inquieta e febril.

As palavras da filha da sr.ª Bruna, repercutia-se-lhe sem cessar nos ouvidos, atroando-lhe o tympano com desusada e constante importunidade:

— Esta noite vem os Reis trazer-me um presente; é verdade, mãe? Vou deixar um dos meus sapatos na varanda da sala.

Assim disséra a menina ao deitar-se, e a ideia do regio presente tornava louca a Mariquitas. Lembrava-se que já o anno passado esses senhores Magos trouxeram á sua cama uma grande boneca vestida de rendas de seda que era um gosto vel-a. Então ella ficaria este anno sem um presente?...

Mariquitas descalçou-se para a não sentirem, acabou de subir as escadas, atravessou sem barulho a sala, abriu a varanda que dava para a praça, e cautellosamente, como se fosse praticar alguma coisa má, poz um dos seus grosseiros sapatos chegadinho á grade de pau pintada a verde. Depois, desceu a escada e depois deitou-se. Mas o demonio roubou-lhe o somno.

Feita um novello e tiritando de frio, permaneceu na cama, sem poder dormir. Coisa estranha! E se cabeceava apresentavam-se-lhe diante dos olhos luxuosas cavalgadas e uns senhores ricamente vestidos com uns creados de cara negra e uns camellos com não sei quantas corcovas. Traziam saccos repletos de brinquedos e collocavam-os sobre a cama, dizendo-lhe os senhores :

— Para ti.

Para ella!...

Mas ao pegar-lhes, Mariquitas despertava. Punha-se então a resar para que os Reis se lembrassem de trazer-lhe alguma coisa, e murmurava por entre as suas orações :

— Senhor Deus, manda-me tambem uma boneca que falle como a da filha da minha ama!

Assim esteve muito tempo, sabe Deus quanto. Por fim não pôde resistir mais á tentação; vestiu uma saia, cobriu os hombros com um lencito, e ás apalpadellas, com todo o cuidado, tremendo toda, sahiu do quarto e dirigiu-se á sala, abrindo um bocadito da varanda, o sufficiente para vêr que estava lá o seu sapato e o da sua amasita, mas vasios.

— Não virão?!...—pensou Mariquitas com afflicção.

Voltou á cama, continuou as suas orações, os seus sonhos e os seus despertares; não se ouvia na casa o mais pequeno ruido; devia de ser muito tarde. Outra vez começou [illegible] e foi á varanda da sala. Oh! ceu! O sapato da sua amasita tinhn uma boneca de cabellos louros e com um formosissimo vestido de setim... Mas o sapato d'ella... no seu sapato não havia nada. Meu Deus! Tinham já chegado os Reis, e com tudo nem o minimo presente no seu sapatito!... Não se lembrariam os Reis das meninas pobres!... Mas aquelle senhor Deus em que pensava?

Desanimada e batendo o queixo com frio, desceu ao quarto. Talvez não reparassem no sapato, e então não valia perder a esperança; póde ser que fizessem outra visita ao povo.

Duas vezes mais foi á varanda e duas vezes mais soffreu um novo desengano. Voltou uma terceira; era de madrugada, e então levantou-se iracunda e nervosa; já não resava, abriu a janella; o sapato continuava vasio. Encheu-se de raiva, chamou feios aos Reis, e sem poder-se conter, tirou a boneca do sapato da ama, apertou-a com ternura entre os seus braços e escapou-se com ella para o quarto. Ali, deu mil beijos na boneca, e indireitou-lhe o vestido, afagou-a carinhosamente e... de repente começa a tremer cheia de medo.

— Sou uma ladra!...—pensou.

E seu amo que era da justiça... Meu Deus!...

O que lá iria pela manhã. Viu-se na prisão, n'um calabouço muito escuro e com muitos ratos. O melhor era ir pôr a beneca na varanda. Mas deixal-a, privar-se d'ella! Nunca! Tomou uma resolução desesperada; fugir. Embrulhou-se n'uma coberta, calçou uns chinelos velhos, desceu devagarinho á cosinha, abriu a porta, e sem largar a boneca de seus amores, deitou a correr pela praça fóra e perdeu-se n'uma travessa.

Nevava copiosamente! Os flocos impellidos pelo ar açoitavam a cara de Mariquitas, e o vento cantava nas encrusilhadas com gemidos lastimosos que assustavam... Não podia continuar o seu caminho com aquelle vento e aquella madrugada. Então refugiou-se no vão da primeira porta que encontrou, agachou-se, e murmurou tiritando :

— Pobresita!... Vae-se-me gelar!...

Agasalhou muito a boneca, deu-lhe um beijo e poz-se-lhe a cantar uma copla para a adormecer.

Continuava nevando com furia, o vento tornava-se mais forte e o frio augmentava d'uma maneira atroz.

Mariquitas sentiu pouco a pouco uma pesada somnolencia, uma especie de entorpecimento; embrulhou-se quanto poude na coberta, inclinou a cabeça sobre o peito e... ficou-se.

Continuava nevando com furia e a neve começou a juntar em torno do corpito da pequena.

Na manhã seguinte notaram varias pessoas um montão de trapos no vão d'aquella porta. Foram ali e encontraram Mariquitas morta, geladinha, dura como uma pedra. Sorria como sorriem os anjos; no seu rosto havia o quer que era de muito terno e dôce, e tinha em seus braços, estreitamente apertada, uma preciosa boneca de cabellos loiros, e ricamente vestida de setim.

(Trad.) *Miguel Costa.*

DUAS FLORES DE LARANJEIRA

Durante o jantar, a D. Leonor recebeu uma carta do sobrinho, participando que iria passar as ferias grandes em companhia dos tios.

Por isso a casa do commendador, ordinariamente silenciosa e triste, viase agora cheia de vida, de movimento.

Lá por dentro havia um reboliço dos demonios.

A Joanna, toda atarefada, passava revista á loiça da casa e enfileirava nas mezas os copos mais vistosos.

A D. Leonor, muito cançada, toda vermelha, andava na sala enfeitando as jarras e cobrindo as mezas com pannos de rendas.

De vez em quando o commendador, em chinelos, com as mãos nos bolsos, entrava na sala e dizia :

— Olha, menina, é preciso fazer-[illegible] não, mas sempre é bom termos os olhos abertos; sabes que a nossa Albertina já está uma senhora; não faça elle por ahi alguma.

E a D. Leonor chegava-se ao ouvido do marido :

— Ora, deixa-te de tolices, ia bem mal; o Adelio é uma pomba, uma perola—e partia aos pulinhos deixando o commendador todo pensativo.

*

Logo de manhã, ainda a loura cabelleira do sol mal despontava por detraz das serranias, já a Albertina passeava no jardim e esperava impaciente o despertar do primo.

Ha muito que o não via.

Emquanto pequenos, tinham brincado muito debaixo das laranjeiras que estavam no ripado. Uma vez, lembrava-se, vieram buscar o Adelio,—que ia para Coimbra, queriam que fosse estudar para ser homem.—Chorara muito pelo primo; depois não o tornara a ver. Tinha-se esquecido de tudo aquillo—murmurava baixinho a Albertina.

Hoje porém que o primo estava ali, tinham-lhe voltado á memoria as folganças, os brinquedos infantis, as historias que o Adelio contava á tia Tomasia para lhe apanhar as maçãs e os figos seccos, e as partidas que fazia á Maria moleira e que tanto a enchiam de riso: sim, lembrava-se de tudo muito bem.

*

Quando o Adelio desceu ao jardim e foi ter com prima, ficou deslumbrado! Aquella pequena traquina com quem n'outros tempos tanto brincara, encontrava-a agora completamente mudada. Estava uma senhora! e achava-a formosa!

Sentaram-se á sombra d'uma roseira e recordaram os tempos passados: como tinham sido felizes!

O Adelio contou as suas aventuras; fallou das saudades que levára da prima e dos tios quando partira para Coimbra, das noites medonhas que passara arrimado á banca de estudo, e terminava dizendo—que felizmente só lhe faltava um anno para a formatura.

A Albertina escutava-o enleada, fitando-o n'um olhar longo e prolongado. Depois passearam pelo jardim.

O Adelio quiz ir ao moinho: a Maria, a moleira a quem elle roubava a burra para passear na quinta, e o João do cego com quem armava aos passaros, já não existiam.

A casita da tia Thomazia estava a cair, e o quintalejo onde a pobre velhota seccava os figos, e onde estavam as macieiras, tinha sido invadida pelas silvas e pelos tojeiros.

E o Adelio olhava tristemente para tudo aquillo e tinha saudades dos tempos em que enchia todos aquelles sitios com as suas gargalhadas infantis.

As ferias terminaram.

No momento da partida e quando o Adelio se despedia, a Albertina chegou-se a elle e entregou-lhe duas flores de laranjeira presas por dois fios dos seus louros cabellos, e com os olhos vermelhos pelas lagrimas dizia-lhe—que as tinha colhido nas laranjeiras do ripado aonde d'antes tanto brincaram; que aquillo era para elle se lembrar, para se não esquecer de todo d'aquelles sitios.

E Adelio partiu beijando e pondo as duas florinhas sobre o coração....

.....

E' passado um anno.

A casa do commendador, ordinariamente silenciosa e triste, está hoje em festa. E' que a Albertina radiante de felicidade sae da egreja pelo braço de Adelio.

A gentil rapariga tem sobre a cabeça loura uma coróa de rosas brancas, d'entre as quaes sobresahem duas flores de laranjeira já amarelladas pelo tempo, mas ligadas por dois fios de ouro.

Paulo Seguro.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 15

Decreto mandando pôr provisoriamente á disposição [illegible] convento de Sant'Anna, em Lisboa, para o estabelecimento do collegio dos missionarios do Ultramar, filial do collegio de Sarnache do Bomjardim.

Decreto concedendo á junta geral do districto de Vianna do Castello o edificio e terrenos annexos do supprimido convento das Ursulinas, com exclusão da egreja e a parte do edificio já cedidos, para o estabelecimento do asilo e escola dos expostos e desvalidos.

Diario de 16

Decreto nomeando o sr. José Julio Rodrigues, inspector techuico das contribuições indirectas.

Mappa do movimento consular portuguez e estrangeiro realisado nos mezes de setembro a novembro corrente.

Alvará declarando o Banco Commercial do Rio de Janeiro habilitado a exercer a sua industria em Portugal.

Diario de 17

Decreto com a exoneração do sr. visconde de S. Januario e nomeação do sr. José Joaquim de Castro para ministro da guerra.

Despachos do conselho das alfandegas.

Despachos de varios empregados para os correios e telegraphos.

65

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

— Reparai bem no que fazeis, lhe diz Wamba, e não vades pescar uma rã em vez d'um peixe. Pelo meu barrete asseguro que não é lady Rowena. Reparai unicamente para os cabellos pretos, que fluctuam sobre os seus hombros. Se acaso não sabeis distinguir o branco do preto como quereis ser chefe? Podeis avançar por diante, se vos agrada, mas por S. Dunstan, asseguro-vos que vos não sigo; não me exporei a que se me quebrem os ossos sem saber por quem. E lembrai-vos que estais sem armadura nem capacete? Julgais que um gorro de seda está á prova do aço bem afiado? *Deus vobiscum*, valente Athelstane; quem tiver sêde que vá á fonte. Ao mesmo tempo largou a orla da tunica do nobre saxonio, que até ali sempre tinha na mão.

Apossar-se de uma massa d'armas, que a mão de um moribundo acabava de largar, lançar-se sobre a tropa de Bois-Guilbert, bater á direita e á esquerda, derribando um guerreiro a cada golpe, foi obra de um momento para Athelstane, a quem o furor dava uma nova força. Depressa chegou a dous passos de distancia d'aquelle a quem procurava, e clamando com grandes gritos :

— Renegado templario, põe em liberdade aquella que és indigno de tocar; defende-te, chefe de um bando de ladrões e de assassinos!

— Maldicto! respondeu o templario rangendo os dentes, eu te vou ensinar a blasphemar contra a santa ordem do templo de Sião. Proferindo estas palavras fez dar uma volta ao cavallo, lançou-se contra Athelstane, pondo-se sobre os estribos para dar mais força ao braço, e descarregou-lhe sobre a cabeça um medonho golpe.

Wamba tinha tido razão em dizer que um bonet de seda não podia estar á provo do aço. O golpe fatal foi descarregado com tanta violencia, que Athelstane ficou estendido no chão, com os olhos fechados e sem movimento.

— Morram todos os detractores dos cavalleiros do templo! bradou Bois-Guilbert aproveitando a consternação que a queda de Athelstane tinha produzido sobre os saxonios: Quem quizer salvar-se, siga,me! E abrindo caminho na direcção da ponte levadiça, atravessou-a acompanhado pelos seus dous sarracenos, e por alguns cavalleiros. Não fez a sua retirada sem perigo, pois que alguns archeiros dispararam algumas flechas contra elle e os do seu sequito, mas não trataram de seguil-os; a pilhagem do palacio tinha para elles mais attractivos, do que a vida de um fugitivo.

Dirigiu-se para a torre, presumindo achar ali de Bracy senhor do posto, conforme o plano que tinham concertado.

— De Bracy! de Bracy! gritou elle aproximando-se, estais aqui?

— Estou, respondeu elle; mas prisioneiro.

— Posso soccorrer-vos?

— Não, rendime; soccorrido ou não soccorrido, serei fiel á minha palavra. Salvai-vos, estão soltos os falcões. Poude o mar entre a Inglaterra e vós. Não ouso dizer-vos mais.

— Pois bem, visto que quereis ficar, lembrai-vos que desempenhei a minha palavra. Quanto aos falcões, pouco me importa com elles: os muros da commenda de Templestowe hão de offerecer *á garça real um asylo, onde* possa rir-se das suas presas.

Ao proferir estas palavras metteu o cavallo a galope, e desappareceu com os seus. Os demais defensores do castello que o não poderam seguir, por falta de cavallos, continuaram a defender-se, mais para vender caras as vidas do que com a esperança de as salvar, e foram mortos até ao ultimo. O fogo n'este momento devastava quasi todo o palacio, e Ulrica, posta no cume de uma torre, similhante a uma das antigas furias, cantava em alta voz um dos cantos guerreiros que os scaldas dos saxonios pagãos n'esse tempo, entoavam nos campos de batalha. Os seus longos cabellos cinzentos fluctuavam-lhe em roda da cabeça descoberta. Satisfeita a embriaguez da vingança, vinha o fogo da demencia substituil-a, qual com maior furor. Brandia uma roca na mão, como se fôra uma das fataes irmãs encarregadas de presidir ao destino dos homens e de lhes cortar o fio? A traição conservou alguns estrophes do hymno barbaro, que ella cantou no meio d'esta scena de fogo e de matança.

I

Afiai o vosso ferro chammejante,
Filhos do dragão branco!
Agita o facho,
Filha d'Hengist!
Não para o festim, o ferro brilha
Ac'rado em demasia, grande e agudo;
Não para a nupcia o facho resplandece,
Scintilla e fuma co'um azul sulphureo.
Os corvos grasnam afiai o ferro.
Os fachos accendei.
Eis Zernebock ulula!
Afiai vosso ferro,
O' filhos do Dragão!
Filha d'Hengist,
O facho agita!

II

Nuvens espessas ao castello descem
Do *thane;* a aguia brama, elle no centro
Cavalga. Oh! não gritos, cavalleiro,
O teu banquete preparado existe!
D'elle cuida a donzella de Valhalla,
D'Hengist a raça os hospedes te envia,
Donzella de Valhalla solta as tranças!
D'alegria toca os atabales!
Muitos, altivo passo
A's tuas salas dirigem,
Muitos de soberbo elmo.

III

No castello do *thane* pousa a treva;
As átras nuvens já o circumvolvem,
Não tarda que em rubra côr se transforme
Como o sangue do heroe!
Não tarda que o assolador das florestas
Sacuda contra elle a vermelha crista.
Consumidor acerrimo de tudo,
Solta de fogo as vagas,
O esbrazeado pavilhão fluctua,
Tenebroso e immenso,
Na contenda do bravo!
As refertas, escudos em pedaços
Formam seu prazer; sorver o sangue
Fervente que das feridas borbota
Eis suas delicias!

IV

Tudo tem de findar!
Corta ao elmo a espada,
Na armadura penetra a aguda lança,
Do principe a mansão consume o fogo,
Machinas prostam fortes baluartes,
Tudo tem de findar!
D'Hengist a raça passou,
D'Horsa morreu o nome!
Não temais o aresto, filhos da espada,
Sangue qual vinho bebem vossas armas;
Folguemos no banquete da matança,
A' grata vista de abrazadas salas!
Rijas as vossas laminas existam
Em quanto tendes quente o sangue vosso,
Nada poupeis por piedade ou medo,
Só tendes uma hora p'ra a vingança;
A mesma força do calor expira;
Tambem acabar devo!

As chammas tinham em fim vencido todos os obstaculos, e elevavam-se até ás nuvens em columnas, que se podiam avistar a muitas milhas: cada torre desabava successivamente, e os vencedores, forçados a cessarem a pilhagem, e reunidos no grande pateo do palacio, olhavam para essa massa de fogo, cujo reflexo avermelhado lhes *córava as faces, e as armas. Alguns* dos vencidos, que tinham procurado no edificio abrazado um abrigo contra o furor dos seus inimigos, foram esmagados debaixo das ruinas fumegantes, e mui pequeno numero conseguiu escapar-se para o bosque visinho. A torre sobre que se tinha posto a saxonia Ulrica resistiu até ao ultimo momento, e viram-a ainda por muito tempo estender os braços, e fazer gestos com um ar de triumpho selvagem, como se ella tivesse reinado sobre o incendio que havia alumiado. Em fim, a torre desabou com estrondo horrivel, e Ulrica foi consumida pelas chammas que tinham devorado o tyranno. Um silencio de horror durou por alguns instantes á vista d'esta ultima scena, durante a qual nem um dedo se moveu, excepto para fazer o signal da cruz. Locksley foi o primeiro que rompeu o silencio.

— Archeiros! bradou elle, lançai os vossos gritos de alegria, a morada dos tyraunos já não existe. Levem-se os despojos ao logar ordinario da nossa reunião, para debaixo do grande carvalho d'Harthill-Walk, e ao despontar do dia fazermos as partilhas entre nós e os dignos alliados. que cooperaram para este acto assignalado de justiça, e de vingança.

XXXII

Coda estado possue sua policia
As cidades os seus regulamentos:
Mesmo nos seus bosques os bandidos
Observam uma certa disciplina.
Nunca, desde Adão, em sociedade
Entre si os homens tem vivido.
Sem lois que mais solida a tornassem.

Ant. dram. ingl.

Começava o dia a despontar, e a esclarecer as calvas do souto. Cada folha brilhava com uma perola d'orvalho: a corça fazia sahir a sua nova cria da espessura para pastar livremente nos logares mais abertos, e nenhum caçador tratava ainda de surprehender o veado magestoso, que precedia a sua companheira.

Os *outlaws* estavam todos reunidos em torno do grande carvalho d'Harthill-Walk, onde tinham passado a noute refazendo-se das fadigas do assedio, uns com a ajuda do vinho, outros recorrendo ao somno, muitos conversando sobre os acontecimentos do dia, e calculando o valor dos despojos que a victoria, havia posto á disposição do seu capitão.

Eram estes consideraveis: se bem que o incendio tivesse consumido muitas cousas, os *outlaws*, que não temiam nenhum perigo quando se tratava, ou do combate, ou da pilhagem, tinham obtido apossar-se d'uma parte da prata, das ricas armaduras, e dos vestuarios preciosos. Comtudo as leis da sua sociedade eram tão restrictas e bem executadas, que nem um só d'entre elles ousou appropriar-se a menor cousa. Tudo foi fielmente posto em commum, para que o proprio chefe fizesse a distribuição.

O lagar da reunião era um annoso carvalho; não aquelle para debaixo do qual Locksley tinha conduzido Gurth e Wamba no começo da nossa historia, mas outro não menos antigo, situado a uma milha do castello demolido de Torquilstone, e cujo tronco nodoso formava um centro a uma especie d'amphitheatro sylvestre. Ali, Locksley tomou o seu logar sobre um throno de relva, sob os ramos enlaçados do vasto carvalho; a sua tropa collocou-se em semicirculo á roda d'elle. Convidou o cavalleiro negro a assentar-se á sua direita, e Cedric á sua esquerda.

— Perdoai a minha liberdade, nobres senhores, lhes disse elle; mas, n'estas mattas, sou monarcha, e os meus subditos, aqui reunidos, levariam a mal que eu cedesse, nos meus dominios, o meu logar a qualquer outro mortal. Mas onde está o nosso capellão? onde o alegre ermitão? Uma missa começa bem uma affanada manhã entre os christãos.

Ninguem tinha visto o ermitão de Copmanhurst.

— Acaso teremos perdido o nosso bom padre? continuou Locksley: persuado-me que se poderá attribuir a sua ausencia á sociedade d'algum cantaro de vinho. Viu-o alguem depois da tomada do castello?

— Eu vi-o, diz o moleiro, tratando d'arrombar a porta d'uma adega, e jurando, por todos os santos do calendario, que havia de provar os vinhos de Cabeça-de-Boi.

— Valham-me todos os santos, exclama o chefe; lá se ficou a beber, e talvez a estas horas esteja sepultado nas ruinas do castello. Acima, moleiro; fazei-vos acompanhar de doze homens, e ide ver se o desencovais. Primeiro arrazarei o castello, de modo que não fique pedra sobre pedra, do que ver-me privado do meu excellente capellão.

O grande numero dos que se offereceram para este serviço, apezar da distribuição interessante que ia ter logar, provava quanto a tropa estava empenhada na salvação do seu padre espiritual.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

20 DE NOVEMBRO DE 1888.

Depois d'uma longa e feliz viagem, atravez das principaes cidades da Europa, regressou á sua patria adoptiva a nossa excelsa Rainha a sr.ª D. Maria Pia, e por isso o paiz exulta de contentamento, e eu juntando a minha voz fraca ao hymno festival com que foi saudado o seu desejado regresso, cumpro um dever de affectuosa lealdade. Bem vindo seja o formoso—*Anjo da Caridade*—gloria do throno e idolo querido do povo portuguez! Por toda a parte se ouviram brados de enthusiasmo a acclamarem a sua passagem, onde deixou o rasto luminoso da sua magnificencia inexgotavel, tornando-se credora do culto europeu. Assim a capital não podia deixar de a felicitar com effusão, correndo ao seu encontro a dar-lhe as boas-vindas. Como lhe disse na minha de hontem, a sua chegada a Lisboa foi solemnemente festejada, foi digna do povo que a recebeu, e da Rainha que volta ao seio do seu povo.

— Ao passo que as folhas da opposição fazem agora o seu grande cavallo de batalha contra o governo, á custa do emprestimo de D. Miguel, ninguem no estrangeiro se importa com tal questão, e ninguem julga desprestigiado o governo portuguez por que os portadores dos titulos de D. Miguel inventaram mais uma trica judicial que lhes favoreça os intuitos. O nosso credito não foi prejudicado, por que os mercados estrangeiros tem mais juizo do que os declamadores de cá, e as cotações dos nossos fundos vão subindo em quanto descem outros. Mas é notavel esta presistencia malevola que se manifesta na imprensa da opposição, esta falta de patriotismo em exagerar uma questão insignificante para dar força aos chicaneiros que só encontram applauso em sujeitos que não deviam dar-lh'o, por honra sua e por dignidade de paiz. «E' accusado o actual ministro da fazenda—diz uma folha da manhã—mas esqueceram já o sr. Hintze Ribeiro, que n'uma carta famosa fez promessas loucas aos taes portadores de titulos de D. Miguel. Pois nós lh'o lembraremos, publicando a famosa carta do sr. Hintze Ribeiro, que n'uma carta famosa fez promessas loucas aos taes portadores de titulos de D. Miguel. Pois nós lh'o lembraremos, publicando a famosa carta do sr. Hintze. Os que injuriam o actual ministro porque elle está em guerra aberta com aquelles sujeitos, hão de talvez victoriar o sr. Hintze, que lhes escreveu uma carta inaudita. Só nos falta ver isso!» Não se admire o collega, se tal vir. Os patriotas de cá são capazes de tudo isso e de muito mais.

— Sobre a questão agricola escreve um collega nosso de hoje:

«Por causa da questão do pão se congregou no domingo em Beja a chamada liga agraria do sul e reune hoje em sessão extraordinaria a Real associação de agricultura portugueza. Da primeira já dissémos hontem conforme as noticias que tinhamos. O *meeting* que não reuniu mais de duzentas pessoas começou a ser presidido pelo sr. conde da Boa Vista, mas logo aos primeiros arranques oratorios do sr. visconde da Ribeira Brava, abandonou a presidencia. O povo não compareceu, recusando-se prudentemente a ser comparsa na comedia inspirada por agentes do miguelismo, e os republicanos publicaram á noite um manifesto contra os agrarios, accusando-os de tratarem apenas dos seus interesses particulares, descurando o que realmente aproveita aos consumidores. Tambem não compareceram os lavradores importantes das regiões cerialiferas de Ferreira, Serpa, Moura, Cuba e Vidigueira, que estavam representadas unicamente por dez lavradores que não colhem o trigo preciso para o consumo de suas casas. A reunião feita n'estas condições não podia deixar de ser o que foi: um verdadeiro fiasco, e já não admira que n'ella alguem intimasse o governo a executar até 31 de janeiro as decisões do congresso da Trindade, sob pena de *nem mais um real de imposto para as despezas do estado.* Ora em tudo isto revela-se desde já uma anarchia profunda. Na sexta-feira redigiu o sr. ministro da fazenda um officio para a Real Associação de Agricultura, propondo-lhe a creação de uma empreza de moagens por conta dos lavradores, com subsidio do governo ou garantia de juro, além de outros beneficios, e parecia curial que estando este negocio pendente da deliberação dos agricultores, os mesmos agricultores esperassem por essa deliberação antes de pedirem ao governo que executasse, do pé para a mão, isto é, até 31 de janeiro, as antigas deliberações do congresso. Mas não fizeram assim e preferiram o fiasco de domingo. *Con su par si lo comari.*

Hoje reune effectivamente a Associação de Agricultura para discutir o officio do governo relativamente ás moagens. Foram chamados muitos lavradores de fóra, mais poucos vieram. Tambem se fixará o programma do proximo congresso agricola, segundo lemos no officio mandado pelo presidente da Associação ao sr. ministro da fazenda. Dados estes factos o que resta saber é se a Associação e o futuro congresso appoiam as deliberações de Beja relativamente á *greve do imposto*, ou se as regeitam. No primeiro caso diremos que o vento da insania não sopra sómente do quadrante alemtejano, e no segundo que a harmonia da classe agraria, anda tão pegada com cuspo que já ninguem se entende com tanta harmonia. Entretanto aguardamos a resposta dos lavradores á proposta do governo e a seu tempo lhe faremos os commentarios.»

— E' ainda do mesmo collega o seguinte, que com muita razão se escreve:

«*A verdade acima de tudo.*—Com esta epigraphe publica o *Imparcial* (!) de Coimbra um artigo a proposito da chegada de Sua Magestade a Rainha, a Lisboa, em que se lê o seguinte periodo:

Estas viagens da familia real começam a ser desfavoravelmente apreciadas por algumas folhas progressistas, e já o foram com demasiado rigor pelas gazotas da opposição. Falla-se sem rebuço nas sommas elevadas que estes passeios custam ao thesouro e naturalmente se associam a ellas outras que ainda ha pouco se dispenderam já com a viagem da familia real á provincia do norte, já com o casamento do herdeiro da corôa.

O que fica transcripto é simplesmente falso. Já aqui dissemos que as viagens da familia real, tanto no paiz, como no estrangeiro, não custaram um real ao thesouro publico. Tornamos hoje a fazer egual declaração, e esperamos que o *Imparcial* se apresse em fazer esta rectificação por amor da verdade e da justiça que a todos é devida.»

— Foi assassinado por estrangeiros, trabalhadores do caminho de ferro da Beira Baixa, o administrador do concelho de Villa Velha de Rodam. Conta assim o facto o mesmo jornal:

Um correspondente de Villa Velha de Rodam fornece-nos mais alguns pormenores sobre este triste facto, que causou viva e profunda impressão n'aquella localidade. O administrador chamava-se Francisco Gomes Ruivo, e era alli muito estimado pelas suas excellentes qualidades. Logo que soube da desordem que se travara entre alguns operarios hespanhoes do caminho de ferro da Beira Baixa, partiu para o local, a fim de a apaziguar. Em paga recebeu uma punhalada no peito, morrendo instantaneamente. Um amigo que o acompanhou recebeu uma facada n'um braço. Segundo telegramma que acabamos de receber já foi preso o assassino e mais 5 cumplices.

— O imposto do real d'agua, que as informações recebidas diziam que devia render menos, está rendendo mais e a prova ahi a teem os maldizentes. E' a seguinte no mez de setembro:

Districtos	Reis
Aveiro	2:607$407
Beja	1:645$485
Braga	7:485$700
Bragança	2:356$265
Castello Branco	2:177$476
Coimbra	3:715$920
Evora	2:194$441
Faro	2:505$446
Guarda	3:261$953
Leiria	2:939$868
Lisboa	8:761$793
Portalegre	2:287$532
Porto	6:161$434
Santarem	1:572$156
Vianna do Castello	3:639$348
Villa Real	1:886$300
Vizeu	5:305$376
	60:504$811

Comparada esta somma com a de igual mez do anno anterior, a differença para mais é de 2.317$957 reis.

— Tem continuado a apparecer mais dinheiro nos escombros do predio demolido na calçada do Carmo. Hontem foram encontradas escondidas 27 peças em oiro, que provavelmente algum trabalhador occultou. O empreiteiro, logo que teve conhecimento d'isto, pediu a entrega d'esse dinheiro e vae explorar o local onde foram encontradas estas moedas. Parece mesmo que na casa ha ainda mais dinheiro enterrado.

— A commissão de remonta acaba de fazer acquisição na Villa da Golleg㠀, de 126 cavallos, que foram distribuidos na proporção de falta de effectivo, aos regimentos de cavallaria n.ºs 2, 4, 8, 9 e 10, e aos regimentos de artilheria 1 e 2. A media do preço da compra foi para os cavallos de 3 annos e meio, não montados, de 126$000 réis, e para os de 4 annos e meio, montados, de 160$000 réis; tendo muitos d'estes ultimos destino para praças de officiaes. A commissão comprou tambem 50 muares, pelo preço medio de 150$000 réis.

— Foi hontem enviado para o 2.º districto criminal um officio do director da cadeia do Limoeiro, em que declara que o murtozeiro que matou ás facadas o seu companheiro e cunhado na rua do Ouro, está completamente doido, segundo a opinião dos medicos que o teem observado. O criminoso ha dois dias que não come nem bebe, tendo repetidos accessos de loucura e deve por isso ser conduzido para o hospital de Rilhafolles.

— Madame Boulanger, esposa do celebre general Boulanger, acaba de requerer divorcio. Na sua petição dá como motivo o procedimento escandaloso do general, que se mostra em publico com as suas amantes.

— Verificaram-se os seguintes despachos judiciaes:

Bacharel Manuel Celestino Emygdio, juiz de direito de 1.ª classe, no tribunal do commercio do Porto, promovido a juiz de 2.ª instancia e nomeado para a relação dos Açores.

Bacharel Manuel de Beires, juiz de direito do 2.º districto criminal da comarca do Porto, transferido para o logar de juiz presidente do tribunal do commercio do Porto.

Bacharel Abel Pereira do Valle, juiz de direito da comarca de Ovar, transferido para o 2.º districto criminal do Porto.

Bacharel José dos Santos Duarte Pimenta, juiz de direito de 2.ª classe, na comarca de Lagos, promovido a juiz de direito de 1.ª classe e nomeado para Agueda.

Bacharel Filippe de Sousa Magalhães, juiz de direito de 2.ª classe na comarca de Pinhel, promovido á 1.ª classe para a comarca da Horta.

Bacharel Alfredo Leal de Faria, juiz de direito de 3.ª classe da comarca de Ponte da Barca, promovido á 2.ª classe para a de Lagos.

Bacharel Eduardo Martins da Costa, juiz de direito de 3.ª classe, da comarca de S. João da Pesqueira, promovido á 2.ª classe para a de Pinhel.

Bacharel Vicente Dias Ferreira, vogal do tribunal administrativo de Beja, transferido para o logar de juiz de direito de Pedrogão Grande.

Bacharel José Joaquim Pinto, transferido para juiz de direito de Vinhaes.

Bacharel Francisco Zurate Gil, transferido para o logar de juiz do districto de S. João da Pesqueira.

Bacharel Julio Pereira de Carvalho e Costa, nomeado procurador regio da relação dos Açores.

Luiz Gonzaga de Assis Teixeira de Magalhães, transferido para a comarca de Arcos de Valle de Vez.

José Henriques de Castro Pereira e Solla, transferido para Cabeceiras de Basto.

Joaquim Antonio Serra, transferido para Elvas.

José Mendes Alçada de Moraes, transferido para Niza.

Antonio Adolpho Sanches Boltão, transferido para a Certã.

João Ribeiro Dias da Costa, transferido para Mertola.

José Maria de Figueiredo, transferido para Villa Nova de Foscôa.

Joaquim Augusto Barreto Pimentel, nomeado para Alcacer do Sal.

Domingos José Vieira Ribeiro, nomeado para Angra do Heroismo.

Luiz Mendes de Oliveira Fernandes, nomeado para a ilha das Flores.

Julio de Lemos Macedo, nomeado para Macedo de Cavalleiros.

Joaquim Augusto Machado, nomeado para Santa Cruz.

Bacharel José Carlos de Medeiros, exonerado do logar de sub-delegado do procurador regio da comarca de Villa Nova de Famalicão.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICACÕES LITTERARIAS

EDITAL

Manuel Firmino d'Almeida Maia, do Conselho de Sua Magestade, antigo Deputado da Nação, Cavalleiro da Legião de Honra, e Presidente da Camara Municipal de Aveiro, etc.

FAÇO saber que, pelas 11 horas da manhã dos dias 14, 15 e 16, do futuro mez de dezembro, se ha-de arrematar, em hasta publica, e ás portas dos Paços do Concelho, a cobrança de todos os impostos municipaes, já ha muito existente, e lançados sobre os generos que se expozerem á venda no concelho, quer por grosso, quer a retalho, para ali serem consumidos, incluindo tambem a renda do aluguer do matadouro publico,—tudo durante o futuro anno de 1889.

Os arrematantes são obrigados a assignar termo, que salvam de garantia do preço da arrematação, e bem assim a cumprir as demais condições, que desde já estão patentes na Secretaria Municipal.

A camara reserva-se o direito de retirar da praça as arrematações, que não attingirem o preço das dos annos anteriores, assim como o de fazel-as em globo, ou por freguezia, ou grupos de freguezias, conforme fôr mais util e proveitoso para o cofre municipal. E para constar mandei passar o presente, para ser publicado pela imprensa, e outros, de egual theor, para serem affixados nos logares mais publicos e do costume. Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 20 de novembro de 1888. E eu Francisco de Pinho Guedes Pinto, Secretario da Camara, que o subscrevi.

O Presidente da Camara
Manuel Firmino d'Almeida Maia.

EDITAL

POR ordem da Camara Municipal do concelho de Aveiro se faz saber que, em conformidade com o que dispõe o codigo de posturas municipaes, e com a resolução tomada em sessão camararia de 15 do corrente mez, serão mandados matar todos os cães que, do dia 24, em diante, forem encontrados divagando pelas ruas da cidade, sem terem dono conhecido, que sejam *reconhecidamente vadios.*

E para constar se mandou passar o presente, que será publicado n'um jornal da localidade, e outros, que serão affixados nos logares mais publicos.

Aveiro e Secretaria da Camara Municipal, 19 de novembro de 1888.

O Secretario da Camara
Francisco de Pinho Guedes Pinto.

AVISO

PELO presente são prevenidos os possuidores de titulos de inscripções de assentamento e de coupons de que no dia 1 de dezembro proximo, no cofre da agencia provisoria do Banco de Portugal n'este districto e nas recebedorias das comarcas, principia o pagamento dos juros do corrente semestre, desde as 10 1/4 horas da manhã ás 2 da tarde.

Repartição de fazenda do districto de Aveiro, 20 de novembro de 1888.

O Director da Repartição
J. Francisco Xavier d'Eça Leal.

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth. e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

4.ª REGIÃO AGRONOMICA

(DISTRICTO DE AVEIRO, COIMBRA E LEIRIA)

ESTAÇÃO CHIMICO-AGRICOLA

Tendo sido ordenado, por portaria de 19 de setembro do corrente anno, que os directores das estações chimico-agricolas, se possam encarregar da distribuição de amostras de adubos chimicos, fornecidos pelas fabricas ou negociantes, aos lavradores das respectivas regiões, e sendo de toda a conveniencia que os interessados tenham conhecimento das disposições contidas nos artigos 28.º e 30.º do decreto de 22 de dezembro de 1887, afim de saberem ao que têm que satisfazer no caso de se quererem aproveitar das determinações da portaria acima citada, foi, por ordem superior, mandado publicar o seguinte:

de dezembro de 1887

Artigo 28.º—A estação poderá tambem encarregar-se de fazer a distribuição de amostras de adubos chimicos, fornecidos pelas fabricas ou negociantes, aos lavradores, não devendo cada amostra ser em porção superior, a 1 kilogramma. Deverá, acompanhar cada amostra uma nota da riqueza do adubo em azote, acido phosphorico e potassa, do seu valor venal e da sua equivalencia em estrume de curral.

§ unico. Estes adubos serão enviados para a estação pela fabrica ou vendedores, e por sua conta, em barris ou saccos de 50 a 100 kilogrammas, sendo gratuitamente analysados nas estações e depois destribuidos.

Art.º 30.º—Os fabricantes e vendedores de substancias fertilisantes poderão estabelecer, proximo das estações chimico-agricolas, depositos de adubos chimicos ou commerciaes para venda, sob fiscalisação das mesmas estações, conforme instrucções da direcção geral de agricultura.

§ unico. O custo das analyses de adubos d'estes depositos será calculado pela tabella annexa, fazendo-se o abatimento de 10 por cento.»

Os interessados que queiram utilisar-se d'estas disposições deverão dirigir-se ao abaixo assignado.

Coimbra, e séde da 4.ª Região Agronomica em 14 de novembro de 1888.

O agronomo chefe,
Arthur Ernesto da Silva Leitão.

MOLESTIAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN
Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.
Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.
A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas
EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES
Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura de Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez*.
DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, *Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a INJECÇÃO RAQUIN, complemento de todo tratamento

E APROVEITAR
CASA LEÃO D'OURO
121, Rua Ferreira Borges, 127
COIMBRA
CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO
A 9$000!!!
O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.
Continua a responsabilisar-se pelo seu bom açabamento.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS
A COMPANHIA FABRIL SINGER
Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas
MACHINAS PARA COSER
DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO
Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de
TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES
Peçam o novo catalogo que se ha publicado
CUIDADO COM AS IMITAÇÕES
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

A PRESTAÇÕES
DE
500 RÉIS SEMANAES
A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO
Chamamos a attenção para a nossa machina de
LANÇADEIRA OSCILLANTE
A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.
GARANTIA SOLIDA E POSITIVA
COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

CARNE, FERRO e QUINA
O mais fortificante dos Alimentos alliado aos Tonicos mais reparadores.
VINHO FERRUGINOSO AROUD
EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA CARNE
CARNE, FERRO e QUINA: Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica provam que a associação da Carne, do Ferro e da Quina, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação d'horas*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas* e *cutaneas*, etc. O Vinho Ferruginoso Aroud é, com effeito, o unico que reune tudo que bonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e pureza do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.
Venda por grosso, em Paris, na Pharm.ª de J. FERRÉ, 102 Rue Richelieu, Successor de AROUD
ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO EXTRANGEIRO.
EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

ASPHALTO
MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO
TEM grande deposito d'este genero já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

FERRO DE QUEVENNE
É o ferro no estado puro e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela
ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.
DESCONFIE-SE
das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato.
EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA "*Union des Fabricants.*"
Vende-se: 1º em *Pó*; 2º em *Grageas*.
Deposito Geral do Verdadeiro FERRO de QUEVENNE
(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888): 8, Rue du Conservatoire, PARIS.

INJECTION BROU
Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.
Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS
XAROPE do Dr FORGET
Em todas as Pharmacias do Universo
Exija-se o endereço ao lado
36 Rue Vivienne CHARLE PARIS
300,000 Doentes curados de GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.
PELO CITRATO DE FERRO CHARLE
Em todas as boas Pharmacias
Exija-se o endereço ao lado

VINHO NUTRITIVO DE CARNE
Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica
E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.
Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.
Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.
Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.
Um calix d'este vilho representa um bom bife.
Esta dóse com quaesquer bolachi hasé um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.
Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.
Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.
Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

CONTRA A TOSSE
Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro
XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.
Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES
AVEIRO
Novo Almanach de Lembranças, Luso Brasileiro, para o anno de 1889:
Cartonado 320
Brochado 240
Codigo Commercial, approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado 360
Brochado 240
ALBERTO PIMENTEL
Atravez do passado 500
GUIOMAR TORRESÃO
Almanach das Senhoras, para 1889 . . 240

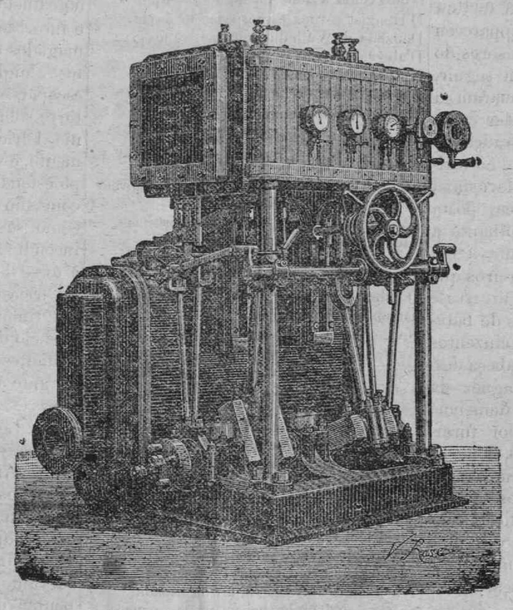
GRAMMATICA INGLEZA
POR
JACOB BENSABAT
Para uso dos lyceus
No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.
Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

MARROCOS E CONSTANTINOPOLA
Descripções de viagem por Edmungo de Amicis.—Obras esplendidamente illustradas com cerca de quatrocentas gravuras por E. Ussi e C. Biséo.
Traducção portugueza de
MANUEL PINHEIRO CHAGAS
Distribuição semanal.—Cada uma das obras constará de um volume, tendo as duas 65 fasciculos approximadamente. Publica-se aos tasciculos de 12 paginas e competentes gravuras resguardadas por uma capa.
Preço de cada fasciculo em Lisboa e Porto 100 reis, pagos no acto da entrega. Nas demais terras das provincias, pagamento adeantado por series de dois, tres, ou mais fasciculos. Pedidos de assignaturas ou requisição de prospectos, em Lisboa, á casa editora David Corazzi, 40 a 52, Rua da Atalaya, e ás livrarias.—No Porto, á filial da casa, Praça de D. Pedro, 127, 1.º e nas principaes livrarias.

A FATEIXA
Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos. 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA
NUMERO TELEPHONICO 168
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS
CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS
CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO
CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e ondese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.